



TRÊS VIVAS PARA A ADOÇÃO!

**GUIA PARA ADOÇÃO
DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

TRÊS VIVAS PARA A ADOÇÃO!

GUIA PARA ADOÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES



Rio de Janeiro

2018

PUBLICAÇÃO

REALIZAÇÃO

Movimento Down | Movimento Zika | Movimento de Ação e Inovação Social - MAIS

CRIAÇÃO

Patricia Almeida

TEXTO

Patricia Almeida
Fabiana Gadelha

REVISÃO

Anna Paula Baumblatt
Christiane Aquino
Mariana Reade

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Antônia Goulart
Bianca Soares Ramos

IMAGENS

Desenhos de crianças

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Andrew Sousa

COLABORAÇÃO

Ana Claudia Brandão
Mariana Reade
Vivi Reis
Sara Vargas
Rosi Prigol
Rosana Ribeiro da Silva
Sanmya Salomão
Ana Paula Coelho Martins
Suzana S. M. Schettini

DEPOIMENTOS

Anesio e Eduardo
Renata Lopes Souza
Mariana
Marisa e André
Alessandra Moita
Fabiana e Leandro
Rafael
Viviane e Alexandre
Luciene Simão
Rosi Prigol
Olinda Guedes
André e Gustavo
Ana Paula Coelho Martins

Mario Romano Maggioni
Maria Estela Martinho Kleling
Fabricio Carpinejar

APOIO

Aconchego – Grupo de Apoio à Convivência Familiar e comunitária
Angaad - Associação Nacional de Grupos de Apoio à Adoção
Ford Foundation

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
ADOÇÃO	11
PERFIL	16
SENTIMENTOS	32
CONTANDO HISTÓRIAS	49
PROCESSO	92
BUSCA ATIVA	101
LEGISLAÇÃO	107
MAIS INFORMAÇÕES	110

APRESENTAÇÃO

Constituir uma família nunca é uma decisão simples. É preciso tempo, dedicação, sentimento e maturidade para ser mãe e/ou pai, para acolher com responsabilidade e amor a filha ou filho que chegará, seja de que forma for.

Na adoção não poderia ser diferente. Há muitos mitos e inverdades que dificultam o encontro de quem quer adotar e de quem espera ser adotada(o). Decidir pela adoção e aguardar o tempo necessário para o primeiro abraço pode ser angustiante ou reflexivo, pode esmorecer ou fortalecer, pode fazer chorar e sorrir ao mesmo tempo, mas é um processo necessário e valioso para o amadurecimento de milhares de pretendentes.

O manual “Três vivas para a adoção” foi idealizado como uma ferramenta de acolhimento e formação para que futuros pais e mães sintam-se seguros, abraçados e preparados para a chegada do filhote e por que não, dos filhotes.

Este é só o começo de uma interessante jornada de autoconhecimento, que conta com o suporte do sistema de garantia de direitos de crianças e adolescentes, a tutela da justiça e o apoio real e virtual de milhares de voluntários atuantes na rede de apoio à adoção de todo o Brasil.

Aconchegue-se!

SOBRE O MAIS

O MAIS - Movimento de Ação e Inovação Social - atua na produção e disseminação de conteúdo e no desenvolvimento de metodologias e estratégias de inovação nas áreas da educação, saúde e cidadania para a promoção da inclusão social. Congrega diversos projetos, incluindo o Movimento Down, Movimento Zika e Rede de Ativadores.

É parceiro do eLaborando laboratório de estudo, pesquisa e produção na área de educação e cultura inclusiva, que produz soluções como materiais pedagógicos acessíveis para a aprendizagem de estudantes com e sem deficiência e o projeto Mudando a Narrativa, de leitura e contação de histórias inclusivas e acessíveis.

É formado por uma equipe interdisciplinar e com experiência na formulação e na implementação de políticas públicas intersetoria-s. O objetivo é articular, mobilizar e promover metodologias e estratégias inovadoras para a criação de ações que incidam na resolução prática de desafios da educação e do desenvolvimento social. O resultado pode ser conferido gratuitamente em nossos portais e publicações.

Nossa rede de parceiros é fundamental para transformar tantos projetos em realidade. O MAIS conta com o apoio de empresas, organizações governamentais e não governamentais e a participação de colaboradores entre profissionais de diversas áreas e ativistas de direitos humanos.

É a vida tratar de
juntar quem nasceu
pra se amar!



FILHO É FILHO!

Pode ser que você tenha apenas começado a pensar sobre a adoção ou pode ser que venha considerando a possibilidade de adotar há anos. Talvez você esteja procurando começar sua família ou talvez já seja mãe ou pai. Talvez tenha acabado de dar entrada nos papéis para a sua habilitação ou talvez já faça parte do Cadastro Nacional de Adoção (CNA) e só esteja esperando para ser chamada(o). Ou quem sabe você já tenha adotado uma criança, queira repetir a dose ou só queira saber mais sobre o incrível processo de filiação pela adoção.

Seja qual for a sua história, pensamos que as informações a seguir podem ser úteis para você!

A adoção é um ato de amor. Nasce do desejo de um encontro entre partes para a construção de uma família que, embora não tenha laços de sangue, traz a relação parental fundamentada no desejo desta união única para toda a vida.

Aqui você pode encontrar mais informações sobre adoção e compreender melhor como tudo isso funciona.

Cada processo de adoção é único, assim como as razões pelas quais você escolhe adotar. Embora o foco principal seja a criança, queremos cuidar para que cada mãe e cada pai esteja preparado para as alegrias e os desafios de acolher e educar uma criança recebida através da adoção.

O FILHO REAL

O Cadastro Nacional de Adoção mostra uma realidade que precisa ser mudada. De um lado, mais de 40 mil pais pretendentes a adotar. Do outro, menos de 9 mil filhos possíveis em busca de uma família. Por que será que ouvimos falar que a espera na fila de adoção é tão grande? Por que os abrigos seguem cheios quando há tantas pessoas dispostas a adotar?

É verdade que todo o processo de adoção deve ser extremamente cuidadoso e requer tempo para ser concluído. Mas o principal problema é que, ao se inscrever no CNA, a maioria das pessoas indica um perfil muito restrito, deixando de fora as crianças reais que estão nos abrigos - maiores de 5 anos, pardas ou negras, com deficiência, doença crônica ou grupos de irmãos. Estas, na verdade, são as crianças que mais precisam de uma família carinhosa e cuidadosa. No entanto, elas estão crescendo em instituições quando há tanto amor na fila, esperando por um filho idealizado.

Nosso objetivo com esta publicação é propor uma reflexão àqueles que têm o desejo de adotar, para promover cada vez mais encontros entre pais e filhos, entre quem tem amor para dar e quem precisa de amor.

Você vai saber como funciona a Busca Ativa, que aproxima pretendentes das crianças que mais precisam de um lar. Pode ser que o sonho de ser mãe ou pai através da adoção chegue mais rápido do que você imagina.

ADOÇÃO

“

Todos os filhos são adotados. Primeiro paridos, depois adotados e integrados à família.

Donald Winnicott,
pediatra inglês - 1896/1971

”



AMOR, CONHECIMENTO E LEI

A organização Aconchego - Grupo de Apoio à Convivência Familiar e comunitária - define a adoção da seguinte forma:

O nascimento do filho por adoção, tal qual o nascimento do filho biológico, deve ser precedido por um trabalho de preparação voltado para a construção da parentalidade. Nessa preparação, os pretendentes à adoção devem passar por um longo trabalho de reflexão sobre suas expectativas e motivações para a adoção e sobre sua disposição afetiva para receber o(s) filho(s) que estão a caminho.

É preciso um trabalho focado na desconstrução de mitos e preconceitos, bem como na desconstrução do filho idealizado para o nascimento do filho real. Aceitar a criança ou o adolescente com sua própria história, muitas vezes permeada por negligência e abandono, é condição essencial para fazer nascer o filho por adoção.

Adoção, é, principalmente, um ato de amor. Amor que nasce de uma escolha e que se constrói no cotidiano, no dia a dia das relações.

É também um processo garantido pela lei, que transfere direitos e deveres da família biológica para outra família. Adoção é, portanto, um processo baseado no amor, no conhecimento e na lei.

Entender os trâmites legais que envolvem a adoção com todas as suas questões burocráticas e administrativas é fundamental para a realização de uma adoção consciente e responsável, ainda que o tempo de gestação desse filho seja superior à gestação do filho biológico. Legitimar a filiação pelo eixo jurídico é dar segurança e pertencimento à nova família que se forma, além de ser a única forma de proteger o direito das crianças e adolescentes no processo de adoção.

ADOÇÃO LEGAL

A adoção faz parte da cultura brasileira desde a colonização, mas essa prática vem se transformando e acompanhando as mudanças sociais ao longo do tempo. Apenas recentemente na história do Brasil, passamos a reconhecer e legitimar as crianças e adolescentes como sujeitos de direito. Há pouco tempo houve equiparação jurídica entre filhos naturais e adotivos, graças ao empenho das famílias e ativistas do movimento da convivência familiar e comunitária.

No Brasil, o processo de adoção é definido pelas regras do Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA (Lei nº8.063/1990 e suas alterações) e todo o processo tramita na Vara da Infância e Juventude de sua comarca (área territorial onde atua um juiz de primeiro grau, que pode abranger um ou mais municípios).

A adoção é ato voluntário irrevogável, um direito civil e constitucional, devendo ser processado absolutamente dentro da lei, para garantir segurança jurídica tanto para quem adota como para quem é adotada(o).

Quando decidir adotar, pode ser que apareça alguém que conhece esta ou aquela gestante vulnerável que deseja entregar seu filho em adoção. Recomendamos que resista a esse convite. Não tenha pressa, procure a Vara da Infância e Juventude mais próxima da sua casa e habilite-se judicialmente. Siga os passos da lei, que podem ser um pouco mais demorados, mas são importantes para realizar seu sonho de ter uma filha ou um filho para sempre.

Se possível, também, oriente essa gestante a procurar a Vara da Infância e Juventude para saber de seus direitos e entregar esse bebê dentro da lei. Sempre haverá uma família preparada e apta a recebê-lo.

É importante lembrar que um filho nasce do nosso desejo, mas ele é, antes de tudo, um sujeito de direitos. Cuidar para que os direitos da criança e do adolescente sejam preservados é o primeiro gesto de compromisso e responsabilidade a ser adotado pelos pretendentes a pais.

É essencial dizer que adoção ilegal é crime, considerado tráfico de pessoas e deve ser evitado a todo custo .

PREPARAÇÃO E HABILITAÇÃO PARA ADOÇÃO

Todas as crianças precisam de uma família amorosa e cuidadosa.

Desde 2009, a justiça brasileira exige que os pretendentes sejam preparados durante o processo de habilitação para adoção. Cada comarca oferece seu próprio processo, que pode ser mais longo ou curto. Não subestime o tempo dedicado a cada etapa, pois será fundamental para apoiar a chegada da sua filha ou filho.

Caso a sua comarca não ofereça preparação suficiente, busque informações nas redes sociais para preparar sua espera e a escolha do perfil para adoção.

No decorrer do processo de habilitação é possível definir o perfil da criança ou adolescente a ser adotado. Nesse momento deve-se refletir sobre a idade, etnia, condição de saúde ou deficiência e se está aberto a grupos de irmãos.

PERFIL

“

Gosto dela do jeitinho
que ela é.

”



DEFINIÇÃO DO PERFIL

É importante que a pessoa que deseja adotar conheça a realidade das crianças e adolescentes registrados no Cadastro Nacional de Adoção, gerido pelo Conselho Nacional de Justiça: mais de 73,48% são maiores de 5 anos, 65,85% são negras ou pardas, 58,52% possuem irmãos, 25,68% têm alguma doença ou deficiência.

Já entre os adotantes cadastrados, 77,79% só aceitam crianças até 5 anos, 17% querem apenas crianças brancas, 63,27% não optam adotar aquelas que têm doenças ou deficiências e 64,27% não estão abertos a receber irmãos.

CADASTRO NACIONAL DE ADOÇÃO (CNA)

PRETENSÃO DOS ADOTANTES

43.644 PRETENDENTES

77,79% - só aceitam crianças até 5 anos

17% - só aceitam crianças brancas

63,27% - só aceitam crianças sem doenças ou deficiências

64,27% - não aceitam irmãos

REALIDADE DAS CRIANÇAS

8.599 CRIANÇAS

73,48% - maiores de 5 anos

65,85% - negras ou pardas

25,68% - têm doenças ou deficiências

58,52% têm irmãos

Fonte: CNA - Cadastro Nacional de Adoção - Conselho Nacional de Justiça, em 13/4/2018

De uma forma geral, as histórias de vida de meninas e meninos que aguardam por uma família são caracterizadas por situações de vulnerabilidade, violência, abandono, subnutrição, uso de drogas entre outras situações, mas isso não impedirá que ela ou ele possa ser sua/seu filha(o).

Embora a maioria dos pretendentes prefira bebês brancos e sem registro de doenças e deficiências, felizmente, cada vez mais pessoas decidem adotar fora do perfil majoritário, abrindo seus corações para crianças mais velhas, de uma etnia diferente da sua, com alguma deficiência ou doença crônica, ou ainda grupos de irmãos.

Quando adotamos, não estamos encomendando um filho em um balcão, estamos nos propondo a conhecer e amar uma pessoa com uma história e identidade a ser respeitada.

Seja qual for a situação, ter um filho nunca é fácil. Gestar é um processo complexo, que envolve hormônios, idealizações e dúvidas durante 9 meses. Adotar é uma gestação sem data confirmada para o parto, sem a contribuição da natureza para formar o vínculo entre mãe/pai e filhote. É uma construção psíquica e social que envolve a justiça, a família, grupos de apoio, informações, e uma ansiedade enorme sobre quando, como e de que jeito essa(e) filha(o) chegará.

É muito comum idealizarmos os nossos filhos. Na gestação, podemos imaginar que poderá ter os olhos do avô, o sorriso da mãe, o nariz da irmã, o temperamento desse ou daquele parente e que será feliz e realizado em sua vida adulta. Na adoção, sonhamos que atenda nossas expectativas, inclusive físicas, mesmo tendo consciência de que sua genética é completamente diferente da nossa.

A adoção é uma forma diferente do seu filho chegar. Nós, mães e pais, precisamos nos preparar para lidar com frustrações, com o medo, a insegurança, com as doenças, acidentes e adversidades da vida. **O filho ideal não existe.** O encontro com nossa(o) filha(o), independente da forma como ela/ele chega, sua idade ou condição, é sempre

uma experiência de renovação e aceitação, que requer da nossa parte disponibilidade, compromisso, paciência e flexibilidade diante do que é novo e inesperado.

Para adotar, inclusive, nem é preciso de um parceiro ou parceira. Adoção é uma forma de gestação e parto social igualitário, vivenciada e compartilhada igualmente entre mulheres e homens. Não há etapas, dificuldades ou privilégios impostos pela natureza. A chamada adoção monoparental é aquela em que a (o) pretendente assume sozinha (o) e integralmente os direitos parentais pela criança/adolescente a ser adotada (o). É a forma encontrada por pessoas solteiras, divorciadas ou viúvas de se tornarem mães e pais de alguém, independentemente de uma relação afetiva, do casamento ou da união civil com outra pessoa.

Nós começamos a amar nossa filha ou filho a partir do exercício da convivência, que não se resume apenas ao primeiro contato. E então nos damos conta de que o amor é gestado, adotado e cultivado pouco a pouco, entrando aos pouquinhos na nossa vida e no nosso coração.

Com o tempo, entenderemos que filhos biológicos ou adotados, em qualquer condição de vida, são pessoas que precisam ser amadas para sempre, e para quem fazemos tudo o que está ao nosso alcance para que sejam felizes. Nós oferecemos tudo o que temos para que cada filho se desenvolva ao máximo e viva todo o seu potencial.



ADOÇÃO TARDIA

A adoção de crianças mais velhas é um processo menos complexo do que parece. São meninas e meninos maiores de 3 anos, que já desenvolveram uma consciência sobre sua própria história. Em geral, desejam uma família, mas precisam de tempo e paciência para construir os futuros laços de afeto e lealdade para se sentirem filhos. A história dessas crianças precisa ser acolhida, dando-lhes a oportunidade de reescrever novas trajetórias, sem rupturas dramáticas e sem segredos.

Na adoção tardia, normalmente, você não trocará fraldas, e para alguns pretendentes isso pode ser um fator positivo. A criança já desenvolveu certa autonomia, é dona de sua vontade e vai vincular-se verdadeiramente a quem oferecer segurança, carinho e firmeza. É possível que seja necessário apoio psicológico para apoiar a fase do estágio de convivência e aprender a lidar com esta etapa inicial de reconhecimento mútuo.

A adoção de adolescentes é um processo maduro e depende mais do desejo de quem está sendo adotado. São filiações possíveis e muito significativas para a família.



ADOÇÃO INTERÉTNICA

Se você optar por adotar uma criança de uma etnia diferente da sua terá que se confrontar interna e externamente com a cultura nefasta do racismo e do preconceito, enraizada em nossa sociedade.

É importante investir no diálogo franco com sua família extensa, coibindo qualquer forma de discriminação, mesmo que pareça uma “brincadeira inofensiva”. Muitas vezes é preciso enfrentar e reeducar familiares e amigos sobre o preconceito explícito ou encoberto por piadas e apelidos.

Filhos são filhos, independente da cor da pele e da etnia. Qualquer dificuldade será vencida com diálogo, informação e perseverança.



ADOÇÃO DE GRUPOS DE IRMÃOS

Grupos de irmãos costumam ser preteridos por quem pretende adotar, tanto pelo medo de não conseguir lidar com crianças de idades diferentes ao mesmo tempo como também por questões financeiras.

Mas, e se você engravidasse de gêmeos, ou trigêmeos, o susto e a necessidade de apoio não seria semelhante?

Irmãos constroem vínculos sólidos quando estão acolhidos e adotá-los juntos pode ser mais fácil do que separá-los.



Adotar não é ajudar, não é ser bonzinho e solidário. Há diversas formas de ajudar uma criança, através do apadrinhamento afetivo ou financeiro.





ADOÇÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA OU DOENÇA CRÔNICAS

Embora você possa ficar insegura(o) com a hipótese de que a/o sua/seu futura(o) filha(o) pode vir a ser uma criança com alguma deficiência ou doença crônica, podemos dizer, por experiência própria, que, com o tempo, ela(e) será motivo de grande alegria para sua família. A maioria dos pretendentes à adoção que não opta por receber uma criança com deficiência ou doença crônica na definição do perfil, leva um grande susto quando surge esta possibilidade. Entendemos que é uma escolha difícil e que a sua vida pode tomar um rumo inesperado, mas esperamos poder ajudá-la(o) nesta decisão tão importante.

Em adoções como estas, é possível que sejam despertados sentimentos de compaixão e solidariedade. Contudo, estes sentimentos sozinhos jamais poderão motivar uma adoção. Os pretendentes precisam estar seguros e informados sobre a condição e as necessidades da criança ou adolescente a ser adotada(o).

A espera pela chegada de um(a) filho(a) por adoção na família é um momento de tensão e emoção para os pais e familiares. Não é de surpreender que, nesse estado vulnerável, a notícia de que a criança pode ter uma deficiência ou doença crônica cause preocupação. Em geral, a dúvida gira em torno da forma como esta deficiência ou doença crônica poderá interferir, modificar ou repercutir na nossa vida e na da criança como um todo.

É preciso buscar informações sobre as peculiaridades e cuidados médicos para cada tipo de situação. Este processo ajudará a identificar a estrutura necessária ao tratamento da(o) filha(o) que vai chegar, rede de apoio, suporte familiar e profissionais requeridos para seu acompanhamento.

Por exemplo, se você está disposto a adotar uma criança com deficiência visual, é importante conhecer famílias semelhantes para identificar aspectos práticos do cotidiano, as escolas, a forma de comunicação, os desafios da inclusão e conhecer histórias de vida.

Aproximar-se de associações ou grupos de familiares e profissionais vai apoiar sua decisão. Fazer contato com famílias reais ajudará na desmistificação e na compreensão geral do que é necessário em cada caso. Um mundo de possibilidades se abre, e a troca com essas famílias auxilia e esclarece muitas dúvidas simples. É preciso olhar a criança em sua integralidade, para além da condição atual de saúde ou deficiência.

“ A falta de informação é a pior coisa nestas horas, pois a angústia do desconhecido é o que provoca medos desnecessários. ”



DÚVIDAS MAIS FREQUENTES SOBRE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

Você pode ter milhões de perguntas e se sentir apreensivo diante de tantas incertezas. Isso acontece com qualquer filho. Vamos responder algumas das dúvidas mais frequentes com relação a crianças com deficiência, mas, como já foi dito, você pode obter mais informações junto a outras famílias. Aproxime-se!

COMO SERÁ O DESENVOLVIMENTO DA MINHA/MEU FILHA(O)?

Cada uma tem seu ritmo de desenvolvimento próprio e é impossível determinar quais talentos e limitações essa criança poderá ter. São indivíduos únicos e uma série de fatores interferem em seu crescimento: genéticos, seu histórico anterior, se receberam cuidados médicos e estímulos na primeira infância. Crianças com deficiência ou doenças crônicas podem exigir mais cuidados, tempo, paciência e disponibilidade de seus pais e, muitas vezes, mais recursos financeiros. O ambiente em que crescem é fundamental para as crianças. Os pais são os maiores colaboradores para que o desenvolvimento físico, emocional e psicológico de seus filhos tenha bons resultados, sob a orientação de profissionais capacitados para essa atuação.

QUANDO CHEGAR A HORA DE ESTUDAR, ELA(E) VAI PARA A ESCOLA REGULAR OU ESPECIAL?

Vários estudos mostram que a diversidade na sala de aula é positiva para a aprendizagem, experiência de vida e construção da cidadania de todos os alunos. Crianças com deficiência se beneficiam da educação em escolas inclusivas, junto com alunos sem deficiência. E as crianças sem deficiência também ganham quando convivem, desde cedo, com estudantes com deficiência. Todos eles têm esse direito assegurado pela Constituição. Nenhum estabelecimento pode recusar a matrícula da(o) sua/seu filha(o), nem cobrar valores extras só porque ela(e) tem uma deficiência. Isso vale também para creches, cursos, aulas de esporte, de religião, etc. Negar matrícula e oportunidade para que uma pessoa com deficiência aprenda em igualdade de condições com os demais é discriminação e

configura crime, previsto na Lei Brasileira de Inclusão (LBI). As ferramentas e adaptações necessárias para que a(o) estudante possa aprender e se desenvolver junto com crianças de sua idade devem ser providas pela escola.

COMO SERÁ A/O NOSSA(O) FILHA(O) QUANDO FOR ADULTA(O)?

Sua/Seu filha(o) vai crescer para se tornar uma/um adulta(o) muito querida(o) na família, de acordo com os interesses e valores que lhe forem passados. Pais de crianças com deficiência dizem que é melhor você lidar com a criança que tem agora em vez de se preocupar com o adolescente ou adulto que você imagina. Por mais difícil que seja, tente afastar de seus pensamentos as preocupações de longo prazo. Concentre-se no presente e no que há para fazer e não deixe de aproveitar essa fase tão importante para você e sua/seu filha(o), que é a infância. Lembre-se de que muito da condição da(o) sua/seu filha(o) no futuro dependerá daquilo que você fizer por ela ou ele no presente.

UMA VIDA NO PRESENTE, UM FUTURO PELA FRENTE

As possibilidades para os nossos filhos melhoraram muito em relação à geração passada. Não baseie suas idéias em informações desatualizadas ou na vida de pessoas mais velhas que não tiveram as condições de saúde, estímulo e oportunidades de inclusão social que existem hoje. Acreditar na capacidade dela(e) é essencial para o seu desenvolvimento e para que adquira a maior autonomia possível. Não caia na armadilha de comparar seu desenvolvimento com o de outras crianças típicas ou com a mesma deficiência/doença que ela/ele. A vida não é uma corrida. Tente comparar seu desenvolvimento apenas com o dela/dele própria(o) e comemore cada pequena conquista. Ela(e) só está competindo consigo mesma(o). Nós estamos aqui para dizer que valeu a pena!

VOCÊS NÃO ESTÃO SOZINHOS

Milhares de crianças nascem ou adquirem deficiência ou doenças crônicas a cada ano no Brasil. Há avanços significativos no atendimento da rede pública de saúde e educação. Existem várias associações que oferecem informações e apoio, assim como grupos no Facebook, WhatsApp, Instagram e blogs de outras famílias. Veja alguns contatos no final desta publicação. Procure em sua cidade, você pode se surpreender com os serviços oferecidos.



**Eu gostaria de ter tido contato
com uma família, para saber
como seria o desenvolvimento,
as expectativas, etc...**

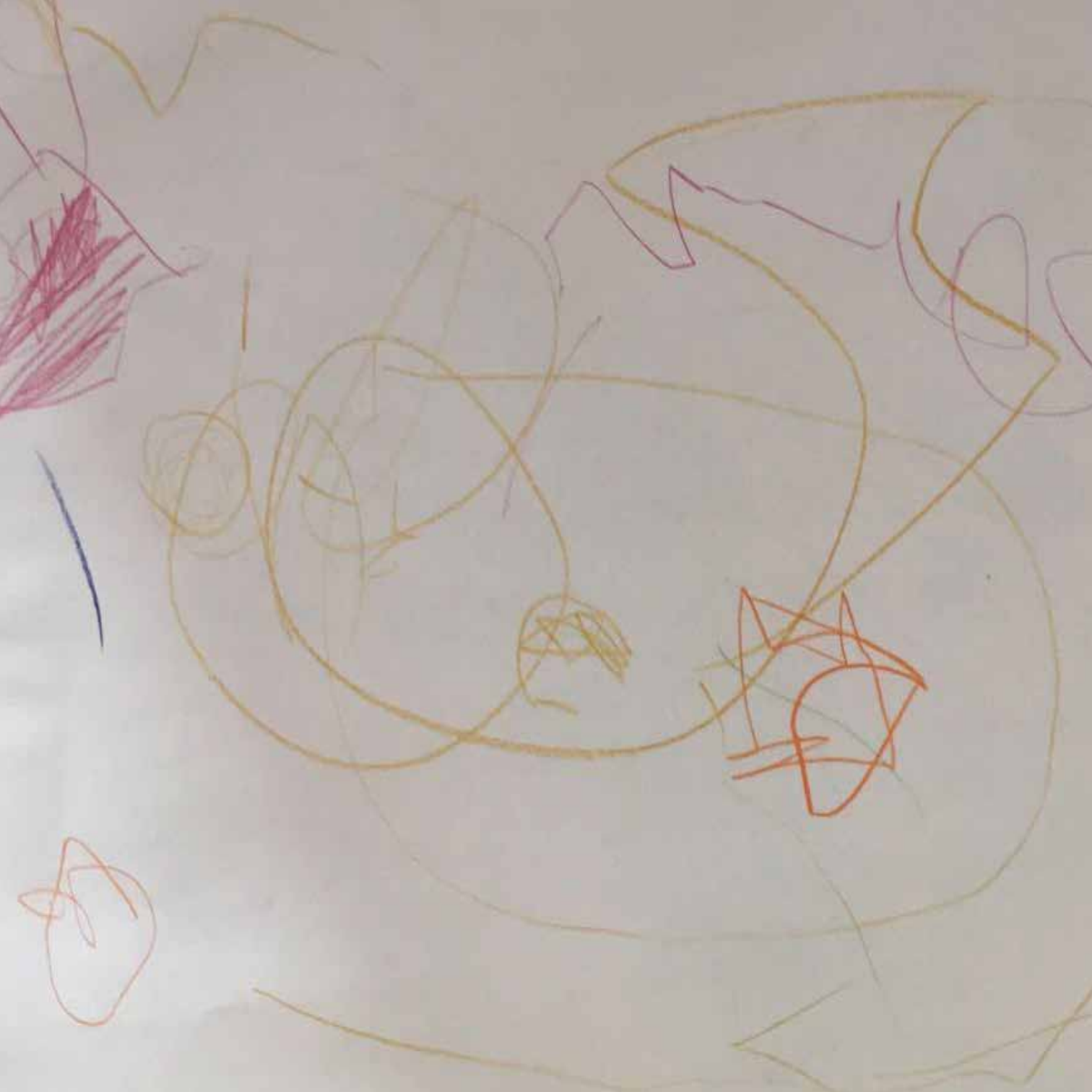


SENTIMENTOS

“

**Nossos filhos necessitam
de nós por inteiro, mas
para isso precisamos, pai
e mãe, estar bem.**

”



NÃO ESCONDA SEUS SENTIMENTOS

Todos nós reagimos de maneiras diferentes. Podemos ser tomados pelo medo de não conseguir lidar com a deficiência, a doença, a idade ou grupos de irmãos, seja pela situação financeira, falta de tempo ou disponibilidade pessoal. Não tema sentir impotência diante dos desafios da condição de vida da criança que chegará.

Sentimentos de rejeição à criança também podem acontecer. Isso é natural e a maioria das pessoas que se sente assim depois se dá conta de que rejeitou não propriamente a criança, mas o que ela tem de diferente do idealizado.

Não se constranja nem deixe que este fato a(o) paralise. Pergunte, informe-se, conheça a realidade de outras famílias que já passaram por essa experiência e empodere-se.

É importante levar em conta que a condição de vida de uma criança, natural ou adotiva, poderá mudar ao longo dos anos. Os pais se fortalecem e se preparam para enfrentar todas as adversidades - e as alegrias - relacionadas à saúde e filhas e filhos, inclusive na fase adulta.

EMOÇÕES

Alguns pais ficam bastante inseguros sobre considerar a possibilidade de adotar uma criança com deficiência ou doença crônica. Nossa experiência mostra que existem diversas fases pelas quais alguns adotantes passam antes, durante ou depois da adoção:

A **negação** é uma reação que muitas vezes ocorre. Ao ouvir a notícia de que a criança a ser adotada tem uma deficiência ou doença crônica, ou algo diferente do idealizado, é comum pensar, “não quero, não vou conseguir”. Depois surgem as dúvidas: “será que eu vou ser capaz?”, “essa criança precisa de uma família mais estruturada do que a minha”. Na fase da aceitação, aos poucos você começa a pensar: “embora meu filho tenha deficiência/doença/diferença, posso conviver com isso.” Em vez de “por que eu?”, você pode passar a se perguntar “por que não eu?”. Converse com sua/seu companheira(o) sobre seus sentimentos. Isso permitirá elaborar melhor o que está acontecendo e ter forças para compreender sentimentos e dúvidas.

Se você for uma/um pretendente solteira(o), compartilhe suas dúvidas e angústias com a sua rede, seus amigos e família. Eles serão fundamentais para apoiá-la(o) nos momentos de insegurança e dúvida.

CADA UM REAGE DE UM JEITO

Não presuma que seu(sua) parceiro(a) não esteja sentindo este momento da mesma forma que você. Cada um tem uma forma de reagir. Falar sobre seus sentimentos com profissionais ou amigos próximos é uma ótima maneira de desabafar. No início, os pensamentos conflitantes podem ser frequentes.

Quando tentamos prever o futuro, podemos nos sentir apreensivos ou desanimados. O importante é tentar viver um dia após o outro. Nossa tendência é planejar nossa vida e da nossa família com base nas experiências atuais. Mas a sociedade e a ciência já avançaram muito e continuam progredindo rapidamente, então as possibilidades de vida para sua/seu filha(o) vão melhorar cada vez mais nos próximos anos.

CUIDE-SE BEM

Nossa própria saúde é de vital importância. Qualquer filho que chega traz consigo uma mistura complexa de reações e novos sentimentos vão aflorar. Processos de adoção costumam ser difíceis e desgastantes, e pode ser que a criança traga desafios diferentes dos que, de início, você imaginava. É importante esperar dias bons e dias ruins e se permitir chorar, se houver necessidade. E também descansar, como todos os pais novos que tiveram um filho.

Faça coisas de que goste. Coma seu prato favorito. Pesquise. Obtenha informações. O medo do desconhecido pode dificultar as coisas, levantar dúvidas, mas procure apenas saber aquilo que possa ajudar nesse momento. Não exagere. Permita-se um tempo para se recuperar. Com o passar dos dias, seus sentimentos vão mudando e as coisas vão ficando mais fáceis.

Conheça sua/seu filha(o). Faça carinho nela(e), dê comida, tire fotos. Reserve um tempo para si. Visite um lugar calmo onde possa simplesmente esquecer os problemas por um tempo.

Fale com outros pais. A ANGAAD - Associação Nacional de Grupos de Apoio à Adoção disponibiliza em seu site o contato dos Grupos de Apoio à Adoção espalhados pelo país. Mande uma mensagem. Pegue o telefone. Da primeira vez pode ser muito difícil, mas realmente ajuda falar com alguém que já passou pela experiência. Ignore comentários inúteis. Mesmo se forem de pessoas próximas a você.



MÁSCARA DE OXIGÊNIO E NOSSAS PRIORIDADES

Quando a gente está no avião, a comissária de bordo diz: “Em caso de despressurização da cabine, máscaras de oxigênio cairão à sua frente. Ponha primeiro a sua e depois ajude a quem estiver ao seu lado.” A mensagem é clara. Numa emergência, primeiro você tem que estar bem para poder socorrer o outro.

Muitas vezes deixamos os cuidados com nós mesmos para o segundo plano. Dá sempre pra esperar um pouco mais pra ir ao médico, dentista, comer comida saudável, fazer ginástica... às vezes a situação é mais grave ainda. A gente deixa pra depois até os cuidados pessoais mais básicos como escovar os dentes, tomar banho, ou até remédios. Parece que tem sempre alguém mais importante que nós - filhos, maridos/mulheres, trabalho, causas...

Nem sempre a gente reconhece esses sintomas porque eles podem ser muito sutis e não incomodar muita gente - afinal estão todos sendo assistidos primeiro, menos você, não é verdade?

O pior é que geralmente nós só nos daremos conta dessa descompensação quando o motor começa a bater-pino. Aí é uma coleção de diagnósticos - estresse emocional, depressão, síndrome do pânico e até derrame, aneurisma, ataque cardíaco.

Por isso, tome cuidado: se a gente não se cuidar direito, pode não estar preparado para quando a máscara de oxigênio cair à nossa frente.



FALANDO DE SEUS SENTIMENTOS PARA OS OUTROS IRMÃOS E IRMÃS

Como mãe ou pai, você é a pessoa mais indicada para decidir quanta informação é adequada para dar aos seus outros filhos, a depender da idade deles, do seu nível de compreensão e de sua curiosidade. Não tenha medo de contar às crianças o mais cedo possível. Fale de uma forma honesta e aberta. A adoção não pode ser um segredo. Eles podem não entender ou não lembrar de todas as informações, portanto siga o ritmo deles. Responda às perguntas à medida que elas forem surgindo. Você pode querer esclarecer coisas como:

- Irmãos e irmãs são muito importantes para uma criança.
- Sua/seu irmã(o) vai ser seu/sua companheira(o), e vocês vão poder brincar juntos.
- Sua/seu irmã(o) vai querer participar e fazer as mesmas coisas que você gosta de fazer.
- Você pode ensinar para ela/ele as brincadeiras de que mais gosta e aprender com ele/ela outras brincadeiras novas.
- Vai ser ótimo vocês poderem contar um(a) com o outro(a) para aprender juntos(as).
- Sua/seu irmã(o) terá uma história diferente da sua para contar, outros parentes biológicos, um passado do qual vocês não participaram, mas que compõe a sua individualidade. Não negue isso. Trate com naturalidade.
- Sua/seu irmã(o) é tão filho de sua mãe e/ou seu pai como você, tem os mesmos direitos e deveres.
- Sua/seu irmã(o) crescerá ao seu lado como sua/seu amiga(o) e parceira(o), para sempre.
- Nós te amamos muito e nós amamos sua/seu irmã(o) também. A chegada da(o) sua/seu irmã(o) não vai diminuir o amor que sentimos por você.

Seus filhos vão seguir o seu exemplo. Se você tratar a deficiência/doença crônica e a adoção como apenas um aspecto da vida da(o) sua/seu filha(o), as crianças também o farão.

OUTRAS PESSOAS

Contar a novidade para a família e os amigos pode não ser fácil, dependendo da visão de mundo das pessoas ao seu redor. Só você sabe quando e como é melhor contar sobre a adoção às outras pessoas. Em algumas ocasiões é melhor esperar até que você própria(o) tenha elaborado melhor a notícia para poder ser capaz de lidar com a reação dos outros. Só você pode decidir o quanto da história da(o) sua/seu filha(o) quer compartilhar com as pessoas e que palavras usar.

“Assim que eu adotei, mandei um email para todos meus amigos e familiares dizendo que minha filha tinha síndrome de Down, que ela era linda e que estávamos apaixonados por ela. Foi a melhor forma que encontrei de dar a notícia aos outros sem deixar dúvidas de que estávamos recebendo aquela criança de braços abertos, e que esperávamos que todos fizessem o mesmo”

A maioria dos amigos vai reagir da forma que sinalizamos que queremos. Portanto, se você expressar tranquilidade, eles reagirão com tranquilidade.

Algumas vezes, a família, os amigos e pessoas que você encontra na rua vão dizer coisas muito insensíveis e ofensivas, quase sempre baseadas na falta de informação. Você pode ignorar esses comentários ou, quando se sentir mais segura(o), aproveitar a ocasião para educar. As pessoas vão seguir o seu exemplo se você estiver abertos, for honesta(o) e positiva(o) com relação à deficiência/doença crônica ou outra diferença. Dê cópias deste livro para a sua família e amigos. Quando sair com a criança, você pode não ter certeza se as outras pessoas percebem alguma diferença. Você pode escolher se quer ou não mencionar.

PRECONCEITUOSA, EU?

Quando minha filha, nasceu, há quase cinco anos, eu vivi um dos melhores momentos da minha vida. Depois de duas gestações perdidas, a filhinha que tanto planejamos e esperamos se materializava ali – linda e fofo como imaginávamos.

O bebê rosado recebeu nota alta dos médicos – Apgar 9 e 10! – e foi direto para o quarto, sem precisar ficar na incubadora. Instalada no bercinho ao lado da minha cama, não cansava de olhar para a minha filha. Eu estava radiante! Aquela pequenina criança com que tanto sonhamos vinha completar nossa família. Não faltava mais nada para eu ser feliz!

Minha felicidade durou pouco. A pediatra de plantão entrou no quarto. Ela dormia. Eu, ainda com o sorriso estampado no rosto, quis tirar uma dúvida boba sobre a aparência da minha filha.

– Doutora, esse olhinho dela não é meio Down, não?

Eu já sabia a resposta, claro que não poderia ser. Como na época eu tinha 39 anos e sabia que a probabilidade de ter um bebê com síndrome de Down era maior, fiz todos os exames, inclusive genéticos, que comprovaram sem sombra de dúvida que a filha que eu esperava não tinha síndrome de Down. Só que ninguém me contou que medicina não é matemática e que erros médicos acontecem. Por tudo isso, eu não estava preparada para a resposta da médica:

- É sim, inclusive ela tem vários outros sinais...

- Como é que é?????????

E foi aí que o meu estado de graça se transformou em desgraça. A pergunta que me intriga é: onde será que foi parar aquela filha idealizada, fofinha e saudável, que se tornou realidade por algumas poucas horas e acabou se transformando no pior dos pesadelos? Ela continuava ali, quietinha, dormindo diante de mim, mas, cega pelas lágrimas do meu próprio preconceito, eu não conseguia mais vê-la.

Infelizmente, naquele momento eu, que me achava uma pessoa lida, informada, que acreditava que não discriminava ninguém, pensei que a minha felicidade e a da minha família iria acabar com a entrada de uma criança com deficiência intelectual na família.

Por fim consegui enxergar minha filha como uma menina como outra qualquer. E só então me dei conta de que fui educada para ter preconceito com relação à deficiência intelectual.

Nós não nascemos com preconceito. Ele é um valor adquirido socialmente. E quando recebemos na família uma criança com deficiência é fundamental assumirmos nossos próprios preconceitos e nos livrarmos deles o mais rápido possível.

“

Eu não mudaria em nada
a minha filha.

”



DEIXE QUE SUA/SEU FILHA(O) OS CONQUISTE

A maioria dos pais supera essa fase inicial à medida que a criança começa a interagir, sorrir e brincar, conquistando aos poucos toda a família. A partir daí os pais começam a esquecer o “rótulo” que impuseram a(o) sua/seu filha(o) e conhecer a personalidade da criança. Ela/ele se tornará um membro indispensável da sua família, apenas mais uma parte do seu cotidiano. Muitos pais passam a dizer que “não mudariam sua/seu filha(o) por nada no mundo”. Eles começam a gostar de ver a criança crescer, aprender, se relacionar e ser adotada pela família inteira. Costumam descobrir que eles próprios dispõem de qualidades que não pensavam que tinham e que suas famílias e amigos não conheciam.

Surge então o **entendimento**. A vida começa a se acomodar e assumir o curso próprio. Você passará a olhar sua/seu filha(o) e ver apenas uma criança que precisa do amor e do estímulo dos pais. Uma criança cheia de potencial e que, se tiver oportunidades, certamente a(o) surpreenderá positivamente no futuro. Você passará a ver apenas sua/seu filha(o)!



TRÊS VIVAS PARA MINHA/MEU FILHA(O)

Somos todos diferentes e reagimos à adoção de nossas filhas/nossos filhos de maneiras muito variáveis.

Alguns de nós encararam tranquilamente adotar uma criança com deficiência, doença crônica, ou outra diferença, provavelmente porque já conviviam ou tinham informações sobre o assunto.

Alguns de nós se surpreenderam com a possibilidade em um primeiro momento e logo se acostumaram com a ideia.

Alguns de nós se desesperaram e não acreditaram que conseguiriam passar por aquilo.

Alguns de nós sofreram muito e mergulharam no fundo do poço, com medo do desconhecido e do futuro, ficando inseguros.

Alguns de nós se sentiram perdidos, sem forças e imaginando não saber por onde começar.

Alguns de nós pediram socorro e outros ficaram em silêncio.

O que todos nós temos em comum é uma filha ou um filho com alguma diferença.

O que todos nós provavelmente concordamos é que tudo seria bem melhor se a sociedade tivesse uma visão mais positiva sobre pessoas com deficiência e doenças crônicas ou de alguma maneira diferentes delas.

Seria melhor se as escolas tivessem uma visão mais positiva sobre as diferenças.

Seria melhor se o resto da família, amigos, vizinhos e desconhecidos tivessem uma visão mais positiva sobre quem consideram diferente.

Seria melhor se cada um de nós tivéssemos uma visão mais positiva sobre deficiência, doenças crônicas ou qualquer diferença.

É a partir de como cada um de nós olha nossa(o) filha(o) que a sociedade vai mudar o seu olhar. Eu e você temos a oportunidade de conviver e aprender e perceber que o preconceito é algo antigo, sem sentido, que não nos leva a um mundo melhor.

Temos em nossos braços agora a oportunidade de jogar fora tudo o que de negativo já ouvimos sobre deficiência e doenças crônicas ou diferenças em geral e olhar pra essa criança que está conosco apenas como NOSSA FILHA, NOSSO FILHO.

TRÊS VIVAS PARA A MINHA FILHA! TRÊS VIVAS PARA O MEU FILHO!

FILHA. FILHO. Sem rótulos. Sem julgamento de valor. Sem mais ou menos. Sem valia. Sem medições.

Nossa(o) filha(o) tão desejada(o).

Nossa(o) filha(o) pra quem faremos tudo o que está ao nosso alcance, a quem ensinaremos tudo o que sabemos, a quem amaremos até além do infinito e a quem mais profundamente desejaremos que seja mais feliz e mais completa(o) que nós mesmos.

Nossa(o) filha(o). Com seu sorriso, suas lágrimas, seus sonhos, seus medos. Suas limitações, seus defeitos, suas qualidades e dificuldades. Uma/um filha(o) com suas próprias características.

Nossa(o) filha(o) tem características diferentes da maioria.

Sim, nossa(o) filha(o) foi adotada(o) mais velha(o), tem deficiência, doença crônica, é de uma etnia diferente da nossa. Isso é parte de quem ela/ele é!

Se a gente conseguir olhar pra nossa(o) filha(o) apenas como nossa(o) filha(o), esquecendo maioria e minoria, esquecendo o que dizem os outros, os diagnósticos, as probabilidades... se a gente conseguir sentir nossa(o) filha(o) apenas como nossa(o) filha(o), nossa jornada será um aprendizado!

CONTANDO HISTÓRIAS

“

**Se elas não nasceram
de nós, certamente
nasceram para nós....**

”



MARIA BERNADETE

MARIA BERNADETE

Foram exatos 9 meses no Cadastro Nacional de Adoção, de muita inquietude, ansiedade e claro, porque não, insegurança. Eu e meu ex-marido tínhamos escolhido um perfil de criança de até 4 anos, poderia ter doença crônica ou deficiência, independente de cor e sexo. Enfim, esperávamos por uma criança do jeito que Deus achasse que deveria vir, assim como em uma gestação não dá pra escolher a cor dos olhos, a cor do cabelo, se a criança vai ter deficiência, doença crônica ou não. Apenas esperávamos...

Até que Maria Bernadete cruzou nosso caminho. Era uma criança de 1 ano e 9 meses que não falava e tinha uma deficiência: uma displasia no quadril direito. A partir daquele momento pouco me importava suas limitações. O que eu já sabia era que eu a amava visceralmente, que ela não havia nascido de mim, mas que havia nascido especialmente para mim e que eu havia nascido para ser a mãe que ela a tanto tempo esperava.

A deficiência que assombrou 3 outros casais que se negaram a adotá-la pela sua condição física, fazia com que eu tivesse a certeza de que ela precisava de mim e de muito amor e muito cuidado. Estava ali na minha frente um ser tão pequeno, já vítima de um preconceito tão grande. Mas para mim ela era a personificação do Amor.

No começo não foi fácil, exames e mais exames, cuidados e mais cuidados e o mais importante, amor e mais amor. Esse foi o segredo: amá-la incondicionalmente. O resultado foi que em 3 meses em nosso convívio familiar ela já falava e corria para todo lado, como se o mundo daquele momento para trás nunca houvesse existido.

Hoje, Maria Bernadete (a minha Bel) está com 7 anos de idade, linda por dentro e por fora, espertíssima, levando a vida como a de qualquer criança, claro que às vezes com desafios maiores. Mostrando com sua notável inteligência para a parte preconceituosa da sociedade que ela é perfeita do jeito que é, afinal ninguém é igual a ninguém, ainda bem!!!!

Renata

NINA

Nina foi muito desejada. Desde cedo em nossa história como casal de iguais, pensávamos em filhos, eu em 3 e o Edu em somente 1, no máximo 2. Sua chegada é fruto de uma adoção consensual onde não sabíamos que ela seria uma linda criança com síndrome de Down, nem mesmo a genitora sabia.

Ao chegar ao hospital para conhecê-la já pairava no ar algo de estranho. Fui abordado pelas enfermeiras com frases: sua filha é linda, tão bonitinha... e de fato fui informado pela médica da suspeita da síndrome. Passamos pela surpresa do diagnóstico mas, sinceramente, não nos abalamos mais do que poucos instantes.

Estávamos maravilhados, nossa pequena finalmente tinha chegado, com síndrome ou sem síndrome ela era nossa! Desde aquela manhã fria de setembro os cuidados e preocupações com ela são ligeiramente maiores que seriam se ela não tivesse a trissomia. Realmente as terapias são muitas, a dieta é diferenciada mas nada que, com amor e dedicação, não seja resolvido.

Nossas famílias a aceitaram de forma extremamente natural, e a sociedade acha algo de outro mundo adotar uma criança com síndrome de Down. Mas não escolhemos nossos filhos, então não escolhemos, não idealizamos, não criamos uma ideia de perfeição. Ela simplesmente nasceu com trissomia 21.

E nossa vida tem sido assim: corrida, com muitas terapias, às vezes reflexiva quanto ao futuro. Mas nós vivemos e vivemos melhor depois de Nina. Não deixamos de fazer nada por conta da síndrome de Down. Claro, ajustamos práticas e condutas de modo a preservar a sua saúde. Nos focamos sempre no que ela faz, no que pode fazer, jamais nas possíveis limitações. Acreditamos sempre só no seu potencial. Então, a mensagem que queremos deixar é que se viva. A Vida é maior que tudo.

Anesio e Eduardo, pais de Nina

BIANCA

Bianca nasceu para nós com 1 ano e 8 meses, depois de muitas recusas na Vara do Maranhão e regiões próximas. Como eu havia ligado para passar meu perfil, a assistente social lembrou-se de mim e me telefonou. Meu marido não quis ver a foto, sabia que era nossa filha. Nossa hora tinha chegado.

Atravessamos o país para encontrar nossa menininha, nossa princesa, nosso tesouro. A foto dela chocou a muitos, mas eu vi a minha filha ali, um pedaço meu que me esperava para ser amada e cuidada. Bianca não havia feito nenhum procedimento, já que nasceu com fenda palatina e lábio leporino. Também tinha as duas pernas super tortas, doença de Blount (forma de alicate).

Hoje minha princesa negra está com 5 anos e 6 meses, não precisou de nenhum tratamento nas pernas, além do amor, e está em fase final de correção da fenda de lábio. Fala perfeitamente, é super inteligente e amorosa. Minha melhor amiga, minha parceira, minha vida!

&

GUILHERME

Meu mundo azul chegou para nós com 10 meses. Menino frágil, sem estímulos, sem vida, de olhar perdido. Sofreu muito ainda no ventre da genitora pelo uso de crack. Nasceu um cisquinho de gente, com muitos problemas respiratórios, e, como não era estimulado, seu corpinho não se desenvolveu, sua cabeça cresceu e ficou desproporcional.

Mas meu coração me dizia que ele venceria o mundo. Aquele olhar da primeira foto me pedia colo, amor e proteção. E foi o que ganhou e ganha, além de muito estímulo e cuidados. Hoje, com 4 anos, é uma criança completamente saudável e normal!!! O meu super-herói, o meu sapeca, o meu gurizinho.

Mariana, mãe do  mais lindo do mundo



BERNARDO

Até a chegada do nosso querido Bernardo construímos um longo caminho. A vontade de adotar sempre esteve presente em nossos corações e desde 2010 participamos de grupos de apoio aos adotantes. Em 2015, resolvemos dar entrada nos papéis e prosseguir com nossa habilitação.

A adoção sempre foi uma decisão muito consciente. Desde sempre nosso perfil foi bastante amplo, aceitando irmãos, não restringindo o amor à cor da pele ou doenças mais conhecidas, como criança HIV positiva. Até que na nossa caminhada assistimos uma palestra de uma médica que elucidou muitas questões sobre a paralisia cerebral, pesquisamos sobre o assunto e vimos que para nós seria possível a adoção de uma criança com esse diagnóstico. O fundamental foi a informação, conhecer as principais características da patologia nos deu mais segurança na hora de decidir.

Foi então que, através da Busca Ativa, conhecemos nosso príncipe Bernardo, que nos encantou com seu lindo sorriso. Desde o primeiro dia que conhecemos o Bernardo assumimos a posição de pais dele e tentamos nos aproximar do seu mundo e mostrar que ele poderia ter uma família.

Bernardo foi diagnosticado com paralisia cerebral, o que deixou sua parte motora comprometida. Quando o conhecemos ele não se sentava sem apoio, falava muito pouco, chorava bastante, salivava muito, usava medicamento neurológico para conter as crises de choro.

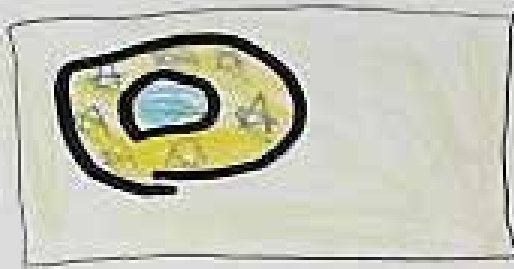
Bom, depois de três meses conosco, podemos dizer que Bernardo é outra criança. Hoje, com três anos e meio, Bernardo fala pelos cotovelos, o uso de óculos melhorou consideravelmente seu estrabismo, com a intensificação das fisioterapias sua parte motora melhorou consideravelmente, não saliva mais, já senta sozinho, come de tudo, e sozinho, já tira os seus sapatos. Mas o melhor: com todo amor e carinho as crises de choro praticamente cessaram, não havendo mais a necessidade de uso contínuo de medicamento.

Bernardo tem uma rotina parecida com a de outras crianças. Ele já vai à creche, o que auxiliou no seu desenvolvimento a passos largos, forma frases completas, conta histórias e ama ser o mini master chefe do papai. Gosta de desenhos animados e seu brinquedo preferido no parquinho é o balanço.

Do futuro, sabemos que temos que plantar agora para que ele possa se desenvolver e colher bons frutos.

Para os futuros papais que pensam em adoção especial indico a pesquisa da patologia envolvida, pois, através da informação poderão diminuir seus medos e “pré-conceitos”, e abrir seu coração para um amor impossível de dimensionar.

Marisa e André



ERICO ALESSANDRA MARIANNA
NICOLAS



MARIANNA

A história da Mari começou para nós muito antes de sua chegada. Já éramos pais de 3 filhos, o Gabriel e o Nicolás, que nasceram de minha barriga, e a Nina, que não nasceu de mim, mas que com certeza nasceu pra mim, todos adotados em nossos corações de pais.

Não nos sentíamos capazes de dar conta e cuidar de uma criança especial, por isso esse era o único ponto fechado em nosso perfil na habilitação para a Nina. Depois que a Nina chegou, logo voltei às minhas atividades e fui convidada a assumir como Educadora os cuidados de uma criança especial (paralisia cerebral severa e síndrome de West) em uma instituição de acolhimento institucional.

Foram 2 anos de muito aprendizado, desprendimento e mudanças de paradigmas, onde esse ano me ensinou que eu era capaz de cuidar, de dar conta, de amar uma criança especial. Após a partida dela, resolvemos retomar nossos planos de uma nova adoção e nesse momento nos demos conta que aquele medo tinha ido embora e não havia mais nenhum impedimento.

Nossa filha chegou com 11 anos, tem paralisia cerebral, hemiplegia e uma vontade imensa de viver, de amar. Temos uma rotina intensa, fisio, fono, atendimento multidisciplinar, sala de recursos. Ela frequenta escola regular, tem currículo adaptado e uma auxiliar para ela, além da professora da turma.

Por conta da demanda, estamos colocando em dia 11 anos sem cuidados específicos com sua saúde. Combinamos que eu me afastaria por tempo indeterminado do meu trabalho, para me dedicar aos cuidados com nossos 4 filhos e suas necessidades.

Somos capazes de superar as nossas limitações e as dos nossos filhos, buscando no aprendizado diário e no amor a base da estrutura da nossa família.

Tenho certeza que temos uma estrelinha brilhando lá no céu, feliz, olhando por nós.

Alessandra



MARIANNA VITÓRIA

NOSSOS FILHOS, NOSSAS ESCOLHAS

Leandro e eu escolhemos ter três filhos. Cada um veio em um tempo, de uma forma, com uma idade, com uma história diferente e uma carinha linda que se entregava ao cruzar o nosso olhar pela primeira vez.

Valentina chegou bebê, durante o verão de 2006, diretamente das entranhas, nasceu forte e recebeu um nome valente porque era predestinada a ensinar seu pai e sua mãe sobre as aventuras do cuidado incondicional, do medo e das lutas de cada dia, uma por vez.

Paulinho nos conheceu no outono de 2007, aos 3 anos, precisando de uma família para niná-lo e cuidar de sua saúde. Ele estava sozinho, tinha leucemia, precisava de cuidados especiais e nós decidimos que poderia ser o nosso segundo filho. Habilitamos nossa pretensão perante à justiça. Foram meses de intensas descobertas, entre cuidar da Valentina e do Paulinho, lutando por sua vida e recebendo o apoio das pessoas queridas da organização Abrace, em Brasília. Apesar do melhor tratamento, da nossa dedicação e do nosso amor, Paulinho se foi, como um anjo. Nosso filhotinho baiano nos ensinou que era possível amar alguém que não saiu da gente, que sua vida poderia mudar de uma hora para outra, mas o amor permaneceria ali, cristalizado na alma.

Vivemos o luto juntos e decidimos seguir com o processo de adoção de outras figurinhas. Daí, partimos em direção ao balcão da vara da infância, deparei-me com um folder do grupo de apoio à adoção Aconchego. Precisávamos nos aconchegar e conhecemos um mundo de gente que vive para formar famílias. A gestação da adoção dura um tempo indefinido, pode ser meses, anos, e trabalhar a espera é o pré-natal ideal. Nas conversas em roda, aprendemos que os filhos não saem da gente, mas entram um pouquinho a cada dia.

Aguardamos por dois anos, até que um dia, durante a primavera de 2009, atrás de uma mensagem virtual, fomos convidados a conhecer o Miguel, de 9 meses.

Cruzamos três estados em uma aventura de carro para encontrá-lo. Sob a proteção de São Miguel Arcanjo, ele foi batizado. Seu sorriso banguelo, os olhinhos puxados e o cheirinho gostoso que saía de seu corpinho fez nascer o amor à primeira vista. Um amor terno, farto, cheio de medo, insegurança, sobre o que viria pela frente, mas repleto de esperança de que conseguiríamos cuidar e proporcionar tudo que ele precisava.

Miguel demandava cuidados próprios, curiosidade e perseverança face às características da síndrome de Down. Mas, isso era só um detalhe de sua individualidade. Era como se ele sempre estivesse entre nós.

A família, que estava receosa com sua chegada, acolheu aquele bebê fofo imediatamente. Cada um participa do cuidado da forma que pode, com simplicidade, carinho e paciência. O amor entrou com sofreguidão, de uma vez, como uma inundação. Era e é impossível resistir ao seu olhar maroto, sua gargalhada e suas travessuras.

Junto com a trissomia do cromossomo 21, conhecemos um mundo de gente que trabalha, luta e briga para que seus filhos tenham os mesmos direitos de qualquer pessoa: viver em família, com saúde e educação, amar, estudar, brincar, trabalhar, contratar e ser contratado, casar, viajar, aposentar-se e ser respeitado em suas diferenças como ser humano.

Miguel nos ensinou que o seu primeiro direito é o seu tempo de aprender, ele não é obrigado a atender às expectativas alheias, é livre, inteligente, teimoso e resiliente.

Sentíamos que nossa família não estava completa, faltava mais um. Valentina e Miguel estavam preparados para adotar mais um irmão ou irmã.

Eis que Arthur, nosso caçula, chegou com um ano e comendo maçã, durante o inverno de 2011. Arthur já estava predestinado a ser nosso filho, pois desde a adolescência minha mãe profetizava: “Você ainda terá um Artur”, fazendo alusão ao meu irmão encrenqueiro.

O nosso Arthur, com TH no nome, era menino forte, cheio de vida, do sorriso mais radiante que eu já vi, dono dos olhos vivos e curiosos, todo faceiro em conhecer aquela gente barulhenta e agitada. Valentina e Miguel vibraram para apertar, cheirar e traquinar com o novo parceiro.

Em casa, ele já engatinhava, comia sozinho e apoiou Miguel a andar e ter mais autonomia. Mostrou à irmã Valentina que o amor dos pais dava conta dos três filhos. Ele nos mostrou a perversidade do preconceito racial e como é cruel ser discriminado em razão de sua cor, ainda na infância.

Enfrentar o preconceito é uma tarefa constante para garantir os direitos dos nossos filhos. Trabalhamos em família a postura mediadora entre enfrentar o racismo como crime e educar o racista, entre confrontar qualquer forma de exclusão e esclarecer a sociedade das potencialidades da pessoa com síndrome de Down. É exaustivo e necessário, um limite delicado a vencer, que se mistura a milhões de sentimentos, como indignação, raiva, vergonha e esperança. Sentimos a dor dos nossos filhos na carne.

Arthur e Valentina seguem aprendendo, juntos e naturalmente, Miguel tem o próprio ritmo de assimilar as coisas. Ambos apoiam o mano nas atividades diárias, elogiando ou corrigindo, cobrando os mesmos direitos, dividindo as brincadeiras, as broncas, os abraços e os brinquedos. É incrível a simbiose dos três e trabalhamos para que cresçam unidos e amigos.

Hoje eles formam uma trupe ainda mais barulhenta, que estuda na mesma escola, enchendo o mundo de alegria, risos e travessuras.

Refletindo sobre a diversidade da nossa família, Valentina pôs seu sentimento e expectativas no papel, publicando em 2016, o livro infantil “Meus irmãos chegaram”. Esse texto singelo e muito colorido escancarou uma perspectiva da adoção que não tínhamos ainda observado: a contraposição entre o irmão idealizado e o real, do ponto de vista da irmã que também adota.

A certeza que temos é que os três foram muito desejados, muito esperados, não importando a origem, mas a escolha de nós, pais, em transformá-los em filhos e filha.

De uma vez só, são três abraços, três beijos, três banhos, três papás, três histórias, três perfumes, três cafunés, sessenta unhas, risadas e choros, cachorros, gatos, passarinhos, tudo junto e misturado, todos os dias de nossas vidas, para sempre.

Brasília, outono de 2018.

Fabiana, Leandro, Valentina, Miguel e Arthur



ALBERTO

O Alberto satisfaz plenamente nossos desejos de paternidade. Hoje ele tem treze anos e está conosco há dois.

Quando fomos habilitados e incluídos no Cadastro Nacional de Adoção, havíamos estabelecido um perfil diferente: dois irmãos, até cinco anos, sem exigência em termos de gênero e etnicidade, com doenças tratáveis. Na nossa busca, o Alberto apareceu ao longo do caminho. Resolvemos abrir-nos para a possibilidade de uma criança mais velha. E o Alberto, resolveu abrir-se para nós. Pagamos para ver. E valeu à pena.

Não, não foi amor à primeira vista. Não olhamos para ele e dissemos “é o nosso filho” e nem ele olhou para nós e disse “são os meus pais”. Mas construímos, ao longo destes dois anos, nossa relação como pais e filho. Amor se constrói. Trata-se de exercício diário. Requer comprometimento e sacrifício. Dá trabalho. Mas também traz muitas recompensas.

Nada temos de heróis. Buscamos a adoção por falta de outras opções para ampliar a família, e também o Alberto investiu na adoção por falta de outras opções. Hoje, na luta do dia-a-dia - com livros, estudos, futebol, malcriações, castigos, disciplina, limites, brincadeiras e doses inesgotáveis de energia -, há um sorriso maroto que trocamos aqui e ali, um olhar de soslaio que traduz a cumplicidade. Dura, às vezes, segundos, mas são os momentos que deixam claro para todos nós que realmente vale. E muito.

Nem por um momento pensamos: será que teria sido melhor se tivéssemos esperado por crianças mais novas? O Alberto preenche nossas vidas plenamente e gostamos de ter em casa um filho que tem já vontade, personalidade, opiniões. Temos plena consciência hoje, pelas trocas com outras famílias, que a expectativa de que crianças mais novas são menos traumatizadas não procede. A experiência do abandono - precisamente no momento da vida em que estamos mais vulneráveis - é radical, e vale tanto para um bebê quanto para um adolescente. A diferença é que um adolescente sabe dizer o que pensa e sente.

Se nos fosse novamente dada a chance, faríamos tudo de novo. E torceríamos para que o futuro conspirasse de maneira a que encontrássemos o Alberto e vice-versa.

Rafael



PAULO, GABI E CAROLINA

O sonho da maternidade sempre fez parte da minha vida e desde criança a possibilidade de não poder ter filhos biológicos passava pelos meus pensamentos, “mas logo pensava se não puder ter, eu adoto.” E não é que isso lá na frente me ajudou a entender que era simples assim? O caminho foi difícil, foram 7 longos anos tentando a gravidez biológica, mesmo já como casal ter conversado sobre adotar uma criança no futuro. Após diversos tratamentos, aborto, exames, cirurgias, etc. Dissemos: Chega! Esse não é o caminho, não é nossa única opção.

Então decidimos iniciar o processo de habilitação e durante a entrega de documentos fomos pesquisando e estudando um pouco sobre o assunto. Nos deparamos com histórias de adoções de crianças maiores e entendemos rapidamente que também poderíamos amar e ser pais de crianças maiores, que queríamos ser pais e não necessariamente ter um bebê em casa. Então, quando fomos definir o perfil, colocamos que aceitávamos 2 crianças de 0 a 10 anos. Mas ainda durante o processo de habilitação refletimos um pouco mais, pois sempre tivemos o sonho de ter 3 filhos e pensamos: Por que não os 3 juntos? E então alteramos nosso perfil para 3 crianças.

Diante disso, começamos a nos preparar para receber 3 crianças, a possibilidade de 1 ou 2 já estava ficando distante, queríamos 3 mesmo. E com apenas 28 dias de habilitados nosso triozinho chegou através da Busca Ativa. Nosso Paulo chegou com 8 anos, nossa Gabi chegou com 5 anos e nossa Carolina chegou com 4 anos.

O início da adaptação foi difícil, o mais complicado a meu ver é a mudança na rotina, a vida muda demais em pouco tempo. No começo senti que minha vida estava sendo roubada, não tinha tempo para nada. Mas graças a Deus, aos poucos as coisas foram se ajustando, conseguimos estabelecer uma nova rotina e regras da nova família que estava começando. E tudo foi ficando mais tranquilo.

Já se passou 1 ano e 9 meses desde a chegada deles, tivemos nessa caminhada muitos desafios, mas muito mais vitórias, muitas risadas, muitos momentos felizes, muita superação.

Adotar meus 3 filhos juntos foi a melhor decisão, eles são companheiros, amigos e inseparáveis. A adaptação deles foi mais fácil, porque estavam juntos, tinham a segurança um do outro, isso os fortaleceu e ajudou em todo o processo.

Muitos questionaram sobre a idade, por serem grandinhos... Mas para mim, são meus 3 bebês até hoje. Sim, eu mimo mesmo! Beijo muito, abraço muito, pego no colo, faço tudo que uma mãe loucamente apaixonada pelos seus filhos pode fazer.

Me sinto plena na minha maternidade. Não me falta nada!

Viviane e Alexandre

DUAS MENINAS

Para nós nunca houve um desejo de adotar um recém-nascido... Sonhávamos em formar uma família, em podermos dar amor e receber amor...

Quando começamos a namorar, eu (Luciene) já havia entrado uma vez com o processo de adoção, mas por problemas particulares havia abandonado a idéia.

Um dia, em meio a uma conversa, tocamos no assunto e vimos que nós duas tínhamos o mesmo desejo, assim que tivemos uma folga fomos ao Fórum e entramos com os papéis para um novo processo. Deste dia até o dia da famosa ligação foram exatos nove meses, nosso perfil era amplo de 0 a 5 anos, aceitávamos crianças com doenças tratáveis e não tínhamos preferência por sexo ou etnia. Recebemos uma criança de 2 anos e 7 meses, negra, com um diagnóstico impreciso de mutação em um cromossomo que no final demonstrou não ser nada além de uma bronquite que não era tratada adequadamente. Passaram-se 2 anos e resolvemos ampliar a família, abrimos o perfil para até 7 anos, e através do Pontes de Amor (Busca Ativa) em apenas um dia nos ligaram informando a existência de uma criança de 6 anos e alguns meses, dentro do nosso perfil em outra cidade do estado. No prazo de 2 meses já a trouxemos para casa e estamos muito felizes com isto.

O que podemos dizer de nossa experiência com adoção: adotar uma criança mais velha tem os seus desafios, essa criança vem com uma bagagem, qualquer que seja ela, (maus-tratos, abuso, pobreza, negligência...). Muitas vezes a criança não quer ser adotada, ou porque tem esperança de voltar para a família, ou porque sofreu tanto que não consegue receber ou dar amor. Nossa segunda filha não nos queria, veio com diagnóstico de déficit de atenção, atraso escolar, ainda não alfabetizada, sem noção de cuidados com o que lhe pertencia. Rasgava as folhas dos cadernos, perdia todo o seu material escolar, não aceitava carinho, quando era desagradada fazia xixi na roupa (apenas para irritar as pessoas)... Mas o amor resgatou tudo aquilo que a vida havia tirado dela. Em dois anos tudo isso mudou. Hoje ela está no terceiro ano do ensino fundamental, é uma menina amorosa, carinhosa, nos ama e morre de medo de um dia perder alguma de suas mães, tem carinho com a irmãzinha e as duas são cúmplices em suas artes. E o que podemos dizer é que se elas não nasceram de nós, certamente nasceram para nós....

Andréa e Luciene



GABRIEL

O Gabriel chegou com dois dias de vida através de uma adoção consensual. A mulher que o gerou decidiu doar seu quinto filho tão logo ele nasceu. Como a genitora era profissional do sexo e usuária de drogas aos 21 anos, o caso dele foi o único a ter a adoção legalizada. Sem esconder essa realidade de meu filho, escrevi um livro, para que, quando grande, ele possa ler e entender essas duas formas de amor, da mãe biológica que decidiu dar a ele uma vida melhor e da mãe adotiva que o recebeu como uma dádiva.

Além do Gabriel, já tínhamos dois filhos biológicos adultos: o Gilberto hoje com 31 anos e a Luiza com 28. Em 2009, o juiz da vara da infância ligou, solicitando o trabalho das “famílias acolhedoras”, programa do Instituto Amigos de Lucas que acolhia crianças tiradas de casa e que deviam ser levadas a um abrigo. Quando não havia vaga nos abrigos, uma família os recebia temporariamente até a volta para casa ou irem para adoção.

Como naquele dia só havia uma família disposta a ficar com os dois maiores, uma menina de nove anos e seu irmão com cinco anos, eu e meu marido aceitamos ficar com os dois menores: um menino de três anos e sua mana com três meses.

Estas crianças foram retiradas de casa por droga-adição dos pais que, por medo de serem mortos pelo tráfico, acabaram fugindo, deixando para trás seus quatro filhos dentro de um barraco, sujos e com fome.

Neste dia, sem saber, passei de mãe de três filhos a mãe de cinco.

A história que vivemos de lá para cá foi de muita luta contra um sistema que analisa crianças como números de processos.

Foram retirados de nós (da outra família também) e por quatro meses ficaram abrigados, por erro do judiciário.

Após quatro meses de luta, conseguimos trazê-los de volta ao nosso lar.

Após cinco anos e quatro meses obtivemos a certidão de nascimento dos nossos filhos.

Desde a chegada deles, os quatro irmãos sempre estiveram juntos, embora vivendo separados em duas famílias.

O que a vida separou, a adoção uniu.

Em 2015 minha filha pequena, aos seis anos, foi diagnosticada com leucemia e de lá pra cá muitas foram as lutas para que a cura chegasse. Ela hoje se encontra curada e em manutenção mensal.

“Ela venceu a fome, o abandono e o câncer!”

“ Porque minha família tem a cor do amor!”

Rosi

O ADVENTO

Um dia meu coração se comoveu... porque havia uma bebezinha... numa UTI e ninguém do Cadastro Nacional de Adoção queria... enfim. Não pensei duas vezes. Quem me conhece sabe toda a história. Até quem não me conhece sabe também... porque o amor é assim: faz a gente anunciar nos sinos das catedrais.

Hoje volto, em pleno domingo pela manhã... os sinos das catedrais anunciam, anunciam, mesmo antes das 6 da manhã... anunciam o amor, a disponibilidade dos querentes, a inocência e o amor. Então, eles chegam também.

Em agosto, no dia dos irmãos, soube de uma Busca Ativa para um grupo de 5 irmãos. Meu coração se comoveu e eu escrevi para a comarca indicada. Dali a uns dias, a resposta. Positiva porque os cinco já tinham encontrado uma família.

Na sequência, uma colega anunciou um novo grupo de seis irmãos. Ela não me tratou muito bem, acho que pensou que eu estava, talvez, só curiosa. Mas, uma linda aluna, recém conhecida minha, me ajudou e em pouco tempo soube que o grupo estava em Joinville e que eu me apresentasse à comarca. Me apresentei... e foi uma alegria tão grande. Seis irmãos... 4 meninas e 2 meninos.

Dei sequência à documentação, tudo o que era necessário. Meu coração já estava com eles. A moça da comarca disse: eles são tão amorosos entre eles, e também com as demais pessoas... que alegria a senhora chegar. Porque dois deles iriam para adoção internacional se a senhora não chegasse.

Corri, corremos! A vida tem pressa. Já estava pensando na escola, na quantidade de batom e esmalte, falei com meu cabeleireiro: daqui a uns dias chegaremos em cinco aqui! Ele disse: Não! Eu me assuste! Perguntei: por quê? Você acha que não vai dar certo? Ele respondeu ainda bravo: E a Nina?! Vocês virão em seis!!

Bem, para minha tristeza infinita, até hoje não me conformo: chegou o dia da avaliação psicossocial fui encontrar as meninas do fórum, como carinhosamente chamo, porque têm idade para serem minhas filhas. Somos também colegas de profissão. Só de profissão, talvez eu tenha mais aniversários que elas. Enfim, psicóloga e assistente social me recebem. Com a cara chateada, meio tristes... enfim: quase tive um infarto.

A comarca de lá enviou somente o perfil de quatro deles. Afirmou que os dois menores já tinham ido para adoção internacional. Até hoje não entendo. Jesus! Como em 15 dias acontece tudo isso? Porque tenho o email oficial relatando os seis irmãos, os seis ainda estavam no CNA disponíveis para adoção.

Então, para encurtar a história. A Assistente Social, uma pessoa que admiro tanto, tanto, me disse: Olinda, podemos avaliar seu perfil para os quatro ou não avaliamos ou avaliamos para seis, mas ali não tem mais seis, apenas quatro. O que você decide?

Eu disse: não quero morrer, se é que vou morrer um dia, brinquei. As pessoas em minha família são longevas e partem lúcidas. Eu não quero ter a sensação que perante várias situações na vida eu me comportei como “Ah! Tá bom...” e dei de ombros! Então, vamos avaliar para seis, sete, o máximo de irmãos que puder. Vou continuar tentando com Joinville também, eu afirmo. Quem sabe tenha chance dos seis virem. Quem sabe ainda tenha chances... Por que pensei: como? Os dois menores? Não seriam os dois maiores? Não eram os seis que eram tão unidos e amorosos e eles da comarca estavam tão felizes que eu tinha chegado?

O que vou fazer com os batons? Com os esmaltes? Só eu e Nina iremos ao cabeleireiro? E as saudades que eles sentirão? Eu amo tanto meus irmãos, acho que seria a pior dor para mim me separar dos meus irmãos, depois da dor maior que seria ficar sem meus pais.

E conversa vai, conversa vem. Falamos, fui avaliada. Sai, liguei para Joinville. Outra tristeza maior. A psicóloga que havia me atendido quase todas as vezes, a mesma que afirmou a alegria e a disponibilidade dos irmãos, me diz com voz séria e grave: só temos quatro. A senhora tem interesse por quatro? Eu falei: pelos seis! Eles não se amam? Não se importam uns com os outros? Mas, não teve jeito.

Saí, fui para Pinhais, pois precisava atender uma mãe e um filho. Uma situação tão triste. Só não triste porque as mães não desistem. E essa mãe é um exemplo para mim.

Atendi. Tudo bem. Uma conversa difícil. Difícil demais. Meu coração aperta. O jovem parece que quer morrer. E não há como ajudar. Ele foi vítima de maus tratos parentais (família extensa) quando era bebê, menino. Assim vai, um tratado sobre violência.

Mas, a vida é linda! Então, segui para um compromisso bancário e saindo olho o celular. Eis que tinha uma mensagem de Rosi Prigol, uma querida que atua na Busca Ativa. Mas, antes eu tinha passado os olhos e visto no Facebook, num grupo que participo. A Karol, uma linda jovem, tinha anunciado.

Começou ali.

Ainda não terminou.

Eles ainda não estão aqui em casa. Mas, já me chamam “mamãe”. Já chorei, já fiquei com a garganta engasgada, já respirei fundo.

Se pudesse ia correndo lá hoje.

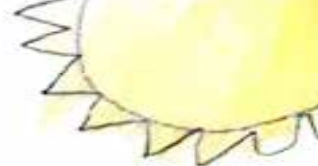
Mas é um nascimento sêxtuplo. Todo nascimento é uma jornada, é um trabalho. Sou parteira, sei disso.

Meus amores, amores de minha vida, hoje domingo, eu também os anuncio no sino das catedrais. E são 12h.

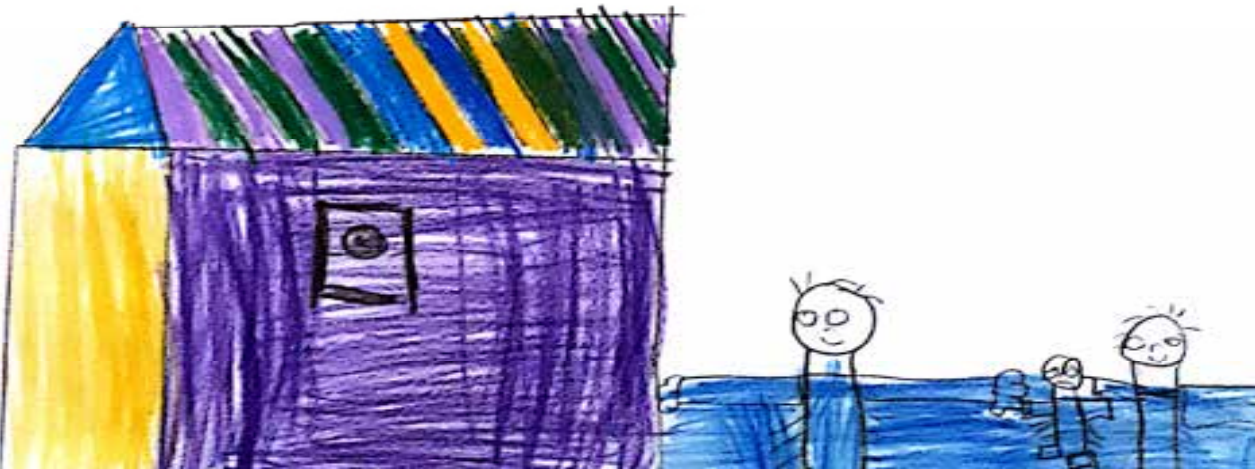
Uma menina e cinco meninos. Ops! Uma menina com 11 anos, meninos 10, 9, 8, 7, 6 e uma menina com 1 ano e 4 meses. Nossa linda família, mais completa ainda.

Olinda

JEOVA
PAI
ANDRE



JEOVA
PAI
GUSTAVO



BEM VINDO, FILHO...

Quando nos conhecemos, em um feriado no verão de 2004, em Florianópolis (SC), não imaginávamos que 11 anos depois em nossas vidas haveria um terceiro elemento, que passaria a dar um novo sentido aos nossos dias. Foi em 2015 que ele chegou: nosso filho, Jeová.

Ao longo dos anos, treze de relacionamento, amadurecemos a ideia de ter um filho. Queríamos acolher alguém para participar da nossa vida, dividir tudo o que já havíamos conquistado até então, incluindo a capacidade enorme de amar e sermos amados.

Esta vontade foi ficando mais forte a partir de 2011. Tendo tido a oportunidade de morar na África por um ano, por meio da Força Aérea Brasileira (FAB), pensamos, inclusive, em adotar uma criança na Costa do Marfim. Lá, um encontro com um padre mudou esta ideia. Ele perguntou: ‘você acha que no Brasil não tem criança para ser adotada?’. No retorno ao Brasil, após um ano, começamos a correr atrás das coisas e a fazer o curso na Vara da Infância de Brasília, onde morávamos. Sabíamos, então, no fundo de nossos corações, que nosso filho nos aguardava por aqui mesmo...

A história de Jeová, agora com 10 anos, não é muito diferente da de outras crianças que estão em abrigos à espera de uma família. Porém, a trajetória que o levou até nós começou em uma fila no aeroporto, quando eu, André, me preparava para embarcar para a cidade de Natal (RN). “Havia uma mulher à minha frente, ela consolava e orientava alguém ao telefone que havia adotado três crianças. Quando ela desligou, eu disse que não era por acaso que estava atrás dela na fila. Conteí minha história e do Gustavo, que queríamos adotar uma criança, e descobri que ela era a vice-presidente do Aconchego (Grupo de Apoio à Convivência Familiar e Comunitária)”. Nesta época, morando em Brasília, tudo se encaixou e passamos a fazer parte do Aconchego, frequentando os Encontros, compartilhando experiências de pessoas que já haviam adotado crianças e recebendo orientações sobre tudo que envolve uma adoção. Contratamos também uma advogada para nos auxiliar no processo de habilitação na vara da infância e da juventude.

Neste caminho, oficializamos nossa união civil em junho de 2014, com uma pequena celebração em Porto Alegre, depois concluímos o curso na Vara da Infância e, finalmente, fomos declarados habilitados para a adoção em janeiro de 2015.

Após nove meses da habilitação, portanto em setembro de 2015, já morando em São José dos Campos (SP), a vontade de receber logo nosso filho foi crescendo de forma exponencial! Pensamos em entrar no sistema de Busca Ativa, aquela que auxilia na procura por adotantes habilitados para crianças e adolescentes denominados “de difícil colocação” (grupos de irmãos que não devem ser separados, crianças acima de 5 anos, com deficiência). Conversamos a respeito num determinado dia e, neste exato momento, um dia depois da conversa sobre a tal Busca Ativa, uma psicóloga da Vara da Infância de Brasília, onde deixamos nosso cadastro, ligou para o telefone do Gustavo. Ela disse que tinha um menino que fugia um pouco do perfil que buscávamos, que era entre 3 e 6 anos. Não sabíamos o nome da criança, nada na verdade além de que se tratava de um menino de 8 anos. Precisávamos responder um “sim” ou “não” para termos mais informações. E, claro, a resposta foi sim.

Na mesma noite, tivemos uma longa conversa com esta psicóloga, a Rose, por telefone. Ela nos passou tudo que era possível e permitido para aquela etapa e nós, de pronto, decidimos que arrumaríamos as nossas coisas e partiríamos para Brasília em poucos dias...

A CHEGADA DE JEOVÁ

No dia 30 de setembro pegamos um avião direto de São José dos Campos para Brasília. Já no dia 1º de outubro, cedo pela manhã, comparecemos à Vara da Infância para saber mais a respeito de nosso filho. Aberto seu arquivo, tudo que havia disponível de informações sobre o Jeová nos foi falado. E ao fim, o conhecemos por fotos. Foi um momento de grande emoção. Muitas lágrimas percorreram nossos olhos. Era como se já o conhecêssemos há muito tempo.

Paralelo a isso tudo, o Jeová já estava sendo trabalhado no abrigo para o fato de que teria dois pais, fato que ele aceitou desde sempre com muita naturalidade. No dia seguinte, 2 de outubro de 2015, fomos conhecê-lo pessoalmente e a emoção tomou conta. Ao entrar na sala onde o aguardávamos, no Lar Bezerra de Menezes em Ceilândia, cidade satélite de Brasília, ele logo nos deu um abraço, pulou no nosso colo e chamou a gente de pai. A psicóloga perguntou a ele: “quem são?” E ele respondeu: “são meus pais!” Desde o primeiro momento foi assim que ele nos tratou.

JEOVÁ CHEGOU À NOSSA VIDA EM 2015

A conexão que se estabeleceu entre nós foi muito forte. O primeiro encontro foi comentado à exaustão no âmbito da Vara da Infância e mesmo entre os profissionais do abrigo, dado o carinho e apego que se desenvolveu. Por estarmos fora de nossa cidade, livres de outros compromissos, passamos a frequentar e visitar o Jeová todos os dias. Não houve um só dia que não estivemos juntos. Isso facilitou, e muito, para que o processo de vinculação fosse acelerado e estabelecido, de uma maneira que nunca antes havia acontecido com uma adoção tardia no âmbito daquele abrigo, segundo nos relataram. O abrigo ficava em um local distante de onde estávamos hospedados e tínhamos que andar praticamente uma hora para ir e uma hora para voltar. Mas cumpríamos estas viagens com muita alegria e vontade.

Nos encontros, nós começamos a mostrar fotos e vídeos dos tios, dos avós, de pessoas da família para que ele já pudesse conhecer todos. Desde o momento em que recebemos a ligação soubemos que o Jeová deveria estar com a gente. E isso foi também estendido a todas as nossas famílias originais. Sempre coordenado e autorizado pelos psicólogos e assistentes sociais, recebemos, passo-a-passo, autorização para passear com o Jeová fora do abrigo. Um dia fomos soltar pipa em um parque próximo ao abrigo, depois passeamos num shopping, num zoológico... No aniversário do Gustavo, 13 de outubro, fomos para um hotel e ele dormiu com a gente pela primeira vez. Até que, sob a ótica dos profissionais que nos acompanhavam, não tinha mais o que fazer, nem retardar. Assim, o juiz nos deu a guarda provisória e no dia 24 de outubro, saímos com o Jeová em definitivo.

Foram 23 dias para que Jeová saísse do abrigo e uma nova família se formasse.

PRECONCEITO E NOVA ROTINA

Desde que o nosso filho chegou nossa vida não passou por nenhuma situação de preconceito. O Jeová é sempre muito bem acolhido como parte de uma família homoafetiva. Rapidamente, ele se integrou a seus tios, avós, amigos nossos... Nossa rotina mudou um pouco, mas nós tentamos seguir uma regra que, pensamos, deveria ser aplicada por todos os que têm filhos: tentamos não mudar a nossa vida 100% em função do Jeová. Ele chegou para complementar e completar a nossa vida, nós o inserimos na nossa rotina. O incluímos em tudo o que podemos fazer juntos, mas ele tem as atividades que faz sozinho como escola, aula de inglês, futebol, sessões com a psicóloga, etc. Da mesma forma, mantemos as nossas.

Dentre as coisas que mais gosta de fazer, soltar pipa é uma das brincadeiras favoritas do Jeová, que nasceu em Brasília. Sobre isso, lembramos sempre, com muita emoção, que o Gustavo, em 2007, ano que o Jeová nasceu e muito antes de sequer pensarmos em adotar uma criança, fez uma tatuagem na perna de uma criança soltando uma pipa... Na

época, quando as pessoas perguntavam o porquê daquele desenho, ele dizia que era o filho que um dia ele ia ter... Esta história fascinou o Jeová, ainda no abrigo. Ele apontava sempre para a perna do Gustavo quando alguém se aproximava e dizia: “aquele ali sou eu! Meu pai me desenhou antes mesmo de me conhecer!”

O abrigo em que nosso filho viveu antes de chegar à nossa casa era muito organizado e contava com profissionais excelentes. As crianças aprendiam a organizar as coisas, até por ser um ambiente comunitário. Quisemos manter e estimular isso. Assim, o Jeová é uma criança bem organizada. Somos muito gratos a todos que cuidaram do Jeová antes que nós pudéssemos (re)encontrá-lo. Fazemos questão de motivar o Jeová a não se esquecer de seu passado, que foi muito duro, e também recordamos a ele das pessoas que cuidaram dele enquanto nós não chegávamos. Por outro lado, damos a ele, todos os dias, aquelas coisas de que ele foi privado de receber integralmente ao longo de seus primeiros 8 anos de vida: Amor, Carinho, Atenção e Cuidado.

“Filho: nós te amamos e somos muito gratos por você ter nos escolhido para cuidar de você e te amar”.

André e Gustavo

ANDERSON



O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

O acolhimento institucional ocorre como medida protetiva provisória e excepcional para crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e ou vulnerabilidade social, encaminhadas pela Vara da Infância e Juventude e em casos excepcionais pelo Conselho Tutelar, conforme preconiza Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Ao atuar há quase seis anos como coordenadora de uma instituição de acolhimento percebo os desafios que são propostos para todos os colaboradores envolvidos nos cuidados para com os acolhidos no que diz respeito não apenas aos direitos que estão previstos na Constituição Federal de 1988 e ECA, mas de uma sistematização de afeto e valores que se transmitem com o convívio diário pautado por dignidade, respeito e amor.

Notam-se as angústias trazidas por essas crianças e adolescentes institucionalizadas, não só pelo histórico da negligência, como também pelo rompimento do vínculo familiar. A vivência institucional para eles torna-se, assim, mais um desafio. Ao se falar de garantia de direitos percebe-se que, dentre eles, o que os acolhidos mais almejam é o da convivência familiar, seja com a família de origem ou substituta (adoção).

Além disso, infelizmente apesar do número de casais postulantes à adoção ser maior do que a lista de crianças e adolescente destituídas do pátrio poder, os indicadores do Cadastro Nacional de Adoção – CNA mostra que esses casais, em sua maioria, preferem crianças da faixa etária de 0 a 3 anos. No entanto, as que estão disponíveis para adoção são crianças maiores e adolescentes. E, a cada criança que é desacolhida, é nítido no olhar das que ficam - quando serei eu?

Assim, embora o acolhimento institucional devesse ser apenas uma situação provisória, crianças vão se tornando adolescentes e muitas vezes só saem da medida protetiva ao completarem dezoito anos. Eu já acompanhei alguns retornos de crianças maiores e adolescentes que foram devolvidos por casais à instituição, afirmando que haviam

tentado de tudo, feito o possível, mas que, infelizmente, não deu certo. E, realmente, confesso que estes são os dias mais difíceis, principalmente com relação ao que dizer a essa criança ou adolescente para confortá-lo, uma vez que, novamente, repete-se a vivência do sentimento de abandono.

Mostra-se assim a necessidade de que algumas comarcas ofereçam, por meio da equipe forense ou na constituição de Grupos de Apoio à Adoção, preparação e acompanhamento técnico contínuo aos casais postulantes à adoção antes, durante e depois do processo da guarda provisória para reduzir os índices de devolução, principalmente nos casos de adoção tardia. É necessário entender que dificuldades e desafios na convivência sempre irão existir, pois afinal as relações humanas se constituem em um processo de aprendizagem onde o amor é a maior evidência de que é possível oportunizar um futuro diferente para essas crianças e adolescentes que, por um período de sua vida, tiveram seus direitos violados.

Ana Paula Coelho Martins

O RELATO DE UM JUIZ

Sou juiz em Farroupilha, RS. Em abril de 2015, fui surpreendido por um casal que adotou quatro irmãos. Adotar é tudo de bom. Os filhos, venham de onde vierem, precisam ser adotados.

Eu vi dois anjos

Os anjos existem. Sexta-feira, no foro de Farroupilha, dois anjos sentaram na minha frente. Eles vestiam roupas comuns. Não tinham asas. Era um casal. Vieram em busca de quatro crianças. Traziam consigo um menino de 12 anos e uma menina de 8 anos, vindos da Casa Lar. A menina de 3 anos e o menino de 1 ano, recém-feito, ficaram na Casa Lar. Os quatro são irmãos.

O anjo-homem suave. Disse que passou a noite sem dormir. Parecia estar numa sala de parto, observando a mulher que dava à luz quatro nenês. Senti que a qualquer momento iria desmaiar.

O anjo-mulher deu colo para a menina de 8 anos, como se dar à luz a quatro fosse a coisa mais normal do mundo.

E há quem não acredite em milagres.

- Sim, vamos adotar os quatro. - Disseram eles.

- E, vocês - perguntei ao menino e à menina -, querem ser adotados por eles?

Os dois apenas riram.

- Quem primeiro me chamou de mãe - disse a mulher -, foi o de 1 ano. Ele estava grudado na cerca e disse: "Mamãe".

E lá se vão os quatro irmãos com os seus anjos-da-guarda. Os quatro são muito queridos, um mais querido e mais lindo que o outro. O mais velho cuida dos demais. A de 8 anos é a simpatia em pessoa. A de 3 anos, cabelos cacheados e loiros, agarra na mão de quem quer que seja e não a solta mais. O pequeno é chamado de “Budinha”, pois é a paz e o sorriso do berçário.

Talvez não saia limão de um pé de jabuticaba, mas que é possível nascer flor no meio da lama ... isso é!

Os genitores, presos por tráfico, foram destituídos do poder familiar. Nem por isso, as crianças deixaram de ser flores.

Não sei se dará certo. O certo é que anjos existem. Milagres existem. O menino e a menina ao sair da minha sala me abraçaram. Acho que estavam felizes. Isso me faz chorar. Isso me emociona. Isso justifica eu ser juiz. Jamais esquecerei: sexta-feira, eu vi dois anjos.

Mario Romano Maggioni

ADOÇÃO E HIV: ASSUNTOS QUE DEVEM SER DEBATIDOS NOS DIAS DE HOJE

Adoção, para todos que vêm de fora, é um processo longo, muitas vezes árduo e que exige resiliência. Porém, algumas histórias adotivas fogem do roteiro tradicional, e é isso que eu vim compartilhar sobre a minha história, que apesar de diferente deveria ser o padrão.

Cheguei em casa com um pouquinho mais de um ano, não me lembro de nada conscientemente. Meus pais dizem que foi uma festa, pois estavam esperando mais um filho depois que meu irmão havia chegado. Descobriram que eu adorava comer e falar “tui tui”. Logo depois, meu outro irmão chegou para completar o trio adotivo do núcleo familiar. Minhas primeiras lembranças sempre foram brincando com eles, fosse na piscina, fosse com os nossos cachorros.

Sempre me perguntam quando me contaram que eu fui adotada e essa é uma pergunta que, creio eu, continuará sem resposta. Na minha percepção eu sempre soube, e mais do que isso, sempre soube que isso era um fator secundário da minha vida, portanto nunca entendi a importância dada por algumas pessoas ao tema. Mais tarde, durante a minha adolescência comecei a entender um pouco mais esse desejo, mas nunca o tive em mim, não completamente. A única curiosidade que guardo dos meus progenitores biológicos é sobre os meus outros irmãos biológicos e sobre a minha doença.

Costumam não fazer tantas perguntas sobre a minha condição de saúde. Constrangimento, talvez. Mas os olhares, esses são inevitáveis e por vezes indiscretos demais, pressupondo saber de toda minha vida por conta de uma doença. O HIV me fez perceber desde cedo que eu era diferente tanto das pessoas que não o tinham quanto das pessoas que tinham a AIDS. De três em três meses exames rotineiros, sem erros, todo suporte afetivo familiar e financeiro para lidar com uma doença que tem a crueldade de afetar de forma intensa as pessoas desinformadas de sua condição e as pessoas sem acesso a rede à pública do SUS.

As ocasiões em que eu penso sobre o HIV provavelmente são os raros momentos em que eu penso em meus progenitores. Acredito que seja melhor guardar esses pensamentos para mim, por vezes estamos perto demais da realidade para que possamos fazer uma análise racional da questão.

Recentemente me foi passada a informação que depois de dezessete anos de existência eu teria que tomar medicação contra o HIV. Apesar de ter capacidade de pensar sobre esse assunto racionalmente ainda hoje é difícil emocionalmente lidar com a lembrança diária da limitação que o remédio me traz. Não é minha intenção aqui advogar pela maior ou menor dificuldade de lidar com essa doença do que com outras, apenas assinalar que lidar com o HIV exige do paciente uma estrutura emotiva extremamente forte.

Momentos de dificuldade além desses são raros, porém é importante ressaltar que, apesar de todo apoio familiar, ainda existem pessoas que, fora desse círculo, podem ser desagradáveis. Diante disso, ressalto novamente o apoio que tenho dentro de casa e a naturalidade da minha convivência com meus pais e meus irmãos.

O processo adaptativo que me foi apresentado desde a infância sobre o assunto adoção e HIV me moldou a ser uma pessoa que têm consciência que esses dois fatores fazem parte da minha existência e sempre irão fazer, mas mais importante que isso é o fato de que não sou reduzida a essas duas características. Sou primariamente Maria Estela Martinho Kieling uma pessoa que tem apoio e carinho familiar e que têm ambições, mas também sou Maria Estela Martinho Kieling, a pessoa que passou por um processo adotivo e tem HIV.

Ambas faces fazem parte do meu ser com a mesma naturalidade e, saber trabalhar com as minhas limitações e a minha história me fez a pessoa que sou hoje, consciente de mim como um ser humano que mereceu e merece, como todas as pessoas do mundo, afeto e cuidados.

Finalizando, é de extrema importância para mim ressaltar dois fatores em pleno 2018. Primeiramente, que ainda existem transmissões verticais e em segundo lugar, mas não menos importante, os casos de crianças que foram adotadas e posteriormente devolvidas ainda são alarmantes. Não cabe a mim julgar casos individuais, porém cabe a mim, como membro da sociedade, ressaltar esses traços que no imaginário social ficaram no século XX, mas que acontecem ainda hoje.

Maria Estela Martinho Kleling



ADVOGANDO EM CAUSA PRÓPRIA

Parente e Família

Sempre me emociono quando reparo o quanto filhos adotivos passam a se parecer com os seus responsáveis. Ninguém diz que foram adotados: o mesmo olhar, o mesmo andar, a mesma forma de soletrar a respiração. Há um DNA da ternura mais intenso do que o próprio DNA. Os traços mudam conforme o amor a uma voz ou de acordo com o aconchego de um abraço.

Não subestimo a força da convivência. Família é feita de presença mais do que de registro. Há pais ausentes que nunca serão pais, há padrastos atentos que sempre serão pais.

Não existem pai e mãe por decreto, representam conquistas sucessivas. Não existem pai e mãe vitalícios. A paternidade e a maternidade significam favoritismo, só que não se ganha uma partida por antecipação. É preciso jogar dia por dia, rodada por rodada. Já perdi os meus filhos por distração, já os reconquistei por insistência e esforço.

Família é uma coisa, ser parente é outra. Identifico uma diferença fundamental. Amigos podem ser mais irmãos do que os irmãos ou mais mães do que as mães.

Família vem de laços espirituais; parente se caracteriza por laços sanguíneos. As pessoas que mais amo no decorrer da minha existência formarão a minha família, mesmo que não tenham nada a ver com o meu sobrenome.

Família é chegada, não origem. Família se descobre na velhice, não no berço. Família é afinidade, não determinação biológica. Família é quem ficou ao lado nas dificuldades enquanto a maioria desapareceu. Família é uma turma de sobreviventes, de eleitos, que enfrentam o mundo em nossa trincheira e jamais mudam de lado.

Já parentes são fatalidades, um lance de sorte ou azar. Nascemos tão somente ao lado deles, que têm a chance natural de se tornarem família, mas nem todos aproveitam.

Árvore genealógica é o início do ciclo, jamais o seu apogeu. Importante também pousar, frequentar os galhos, cuidar das folhagens, abastecer as raízes: trabalho feito pelas aves genealógicas de nossas vidas, os nossos verdadeiros familiares e cúmplices de segredos e desafios.

Dividir o teto não garante proximidade, o que assegura a afeição é dividir o destino.

Fabricio Carpinejar

PROCESSO

“

Adoção é um ato jurídico perfeito irrevogável, que gera responsabilidades, direitos e deveres para sempre e deve ser muito ponderado.

”



PROCESSO DE ADOÇÃO

Definido o perfil da criança a ser adotada, será realizado o estudo psicossocial do(s) pretendente(s) para que a justiça avalie se você tem plenas condições de cuidar e adotar a criança pretendida.

Você não precisa ganhar na loteria, ser rico, passar em concurso ou ter casa própria para se habilitar para adoção. Basta que você, sozinho ou em casal, tenha condições de oferecer o desenvolvimento integral da criança ou adolescente que chegará: um lar, alimentação, educação, saúde, lazer, essas coisas que todos precisam para crescer saudável. Afinal, se você tivesse filhos naturais, não seria assim? Tudo planejado, conforme sua condição financeira? Filhos precisam de um mínimo de segurança material, mas carecem muito mais de compromisso e estabilidade emocional.

Não fique preocupada(o). Os técnicos que acompanham este processo são psicólogos e assistentes sociais experientes que trabalham para a justiça, exclusivamente, para encontrar famílias para as crianças disponíveis para adoção.

FILA DE ADOÇÃO

Finalizado o processo de habilitação, você será oficialmente definida(o) como pretendente e será inscrita(o) no Cadastro Nacional de Adoção, gerido pelo Conselho Nacional de Justiça. A partir desta inscrição, será inserida(o) em uma fila virtual, juntamente com outros pretendentes que escolheram perfil semelhante ao seu.

Mas a Lei 13.509/2017 garante prioridade na tramitação de pedidos de adoção em que os pretendentes preferam crianças com deficiência ou doença crônica, justamente, por entender que essas crianças precisam rapidamente de uma família para se desenvolver plenamente.

ESTÁGIO DE CONVIVÊNCIA

No Brasil, durante o processo judicial há um período entre a apresentação da criança e a adoção, chamado de “estágio de convivência”, que pode durar meses e é determinado

pelo juiz. É o momento em que é conferida a “guarda judicial” ao(s) pretendente(s), que por sua vez, se compromete(m) a conhecer e conviver com a criança. No fim do tempo determinado pela justiça, o(s) pretendente(s) poderá(ão) adotá-la.

A partir do deferimento da guarda judicial, a pretendente poderá usufruir da licença maternidade por 120 dias, no caso de trabalhadores celetistas, e 180 dias para servidoras públicas, enquanto que a licença paternidade poderá ser de 5 ou 20 dias, conforme a inscrição da empresa contratante no Programa Empresa Cidadã, e de 20 dias para servidores públicos.

A regra é ampliada para homens que adotam sozinhos, ou quando a adoção é formalizada por casais homoafetivos. Neste caso, ambos têm direito a receber licença remunerada de 120 dias, no caso de trabalhadores celetistas, e 180 para servidores públicos.

O usufruto da licença maternidade e paternidade é um direito da criança que precisa construir laços fortalecidos com os pais e mães.

Aproveite esse período do estágio de convivência para passar bastante tempo com sua/seu filha(o) e ver que ela/ele é mais parecida(o) do que diferente das outras crianças.

REDE DE APOIO SOCIAL

Como já foi dito, caso você defina incluir em seu perfil a possibilidade de adotar uma criança com deficiência, soropositiva, com doença crônica ou grupos de irmãos, é importante se preparar e participar das redes de apoio social que já existem, como grupos e associações de pais.

Muitos grupos de apoio à adoção discutem temas, dúvidas e histórias em grupos virtuais e presenciais.

Em todas as fases da sua escolha, você poderá buscar mais informações junto à Associação Nacional dos Grupos de Apoio à Adoção - ANGAAD.

ADOTAR

CONFIRA O PASSO A PASSO

1

EU QUERO!

Procure a vara de Infância e Juventude do seu Município.

2

DÊ ENTRADA

É preciso fazer uma petição para dar início ao processo de inscrição.

4

PERFIL

Durante a entrevista técnica, o pretendente descreverá o perfil da criança desejada.

3

CURSO E AVALIAÇÃO

É obrigatório o curso de preparação psicossocial e jurídica para adoção. Após o curso, o candidato é submetido à avaliação com entrevistas e visita domiciliar feitas pela equipe técnica interprofissional.

5 CERTIFICADO

A partir do laudo da equipe técnica e do parecer emitido pelo Ministério Público, o juiz dará sua sentença. Com o pedido acolhido, seu nome será inserido no cadastro.

6 APROVADO

Já na fila para adoção, é preciso aguardar para encontrar uma criança com o perfil compatível. Quando encontrada, a Vara de Infância vai avisá-lo e se houver interesse, ambos serão apresentados. A criança será entrevistada após o encontro para dizer se quer ou não continuar com o processo.

7 A CRIANÇA

Inicia-se o estágio de convivência. Você pode visitar a criança no abrigo, levar para passear para que vocês se aproximem. Se o relacionamento correr bem, a criança é liberada e o pretendente ajuizará a adoção. O juiz profere a sentença e determina a lavratura no novo registro de nascimento.

PARA CONQUISTAR O FILHO TÃO AGUARDADO, VEJA O PASSO A PASSO DA ADOÇÃO.

1) EU QUERO - Você decidiu adotar. Então, procure a Vara de Infância e Juventude do seu município e saiba quais documentos deve começar a reunir. A idade mínima para se habilitar à adoção é 18 anos, independentemente do estado civil, desde que seja respeitada a diferença de 16 anos entre quem deseja adotar e a criança a ser acolhida. Os documentos que você deve providenciar são: identidade; CPF; certidão de casamento ou nascimento; comprovante de residência; comprovante de rendimentos ou declaração equivalente; atestado ou declaração médica de sanidade física e mental; certidões cível e criminal. Vários Grupos de Apoio à Adoção oferecem orientações jurídicas e esclarecimentos sobre o processo que podem ajudar muito.

2) DÊ ENTRADA! - Será preciso fazer uma petição para dar início ao processo de inscrição para adoção (no cartório da Vara de Infância). Só depois de aprovado, seu nome será habilitado a constar dos cadastros local e nacional de pretendentes à adoção.

3) CURSO E AVALIAÇÃO - O curso de preparação psicossocial e jurídica para adoção é obrigatório. Na 1ª Vara de Infância do DF, por exemplo, o curso tem duração de 2 meses, com aulas semanais. Após comprovada a participação no curso, o candidato é submetido à avaliação psicossocial com entrevistas e visita domiciliar feitas pela equipe técnica interprofissional. Algumas comarcas avaliam a situação socioeconômica e psicoemocional dos futuros pais adotivos apenas com as entrevistas e visitas. O resultado dessa avaliação será encaminhado ao Ministério Público e ao juiz da Vara de Infância.

4) VOCÊ PODE - Pessoas solteiras, viúvas ou que vivem em união estável também podem adotar. A adoção homoafetiva é reconhecida pela justiça e exige dos postulantes os mesmos critérios legais, independente da sua orientação sexual. Atualmente, o registro civil é feito em nome dos dois pais ou duas mães.

5) PERFIL - Durante a entrevista técnica, o pretendente descreverá o perfil da criança desejada. É possível escolher o sexo, a etnia, a faixa etária, o estado de saúde, os irmãos etc. Quando a criança tem irmãos, a lei prevê que o grupo não seja separado.

6) CERTIFICADO DE HABILITAÇÃO - A partir do laudo da equipe técnica da Vara e do parecer emitido pelo Ministério Público, o juiz dará sua sentença. Com seu pedido acolhido, seu nome será inserido nos cadastros, válidos por dois anos em território nacional.

7) APROVADO - Você está automaticamente na fila de adoção do seu estado e agora aguardará até aparecer uma criança com o perfil compatível com o perfil fixado durante a entrevista técnica, observada a cronologia da habilitação. Caso seu nome não seja aprovado, procure saber os motivos. Estilo de vida incompatível com criação de uma criança ou razões equivocadas (para aplacar a solidão; para superar a perda de um ente querido; superar crise conjugal etc.) podem inviabilizar uma adoção. Você pode se adequar e começar o processo novamente.

8) UMA CRIANÇA - A Vara de Infância vai avisá-lo que existe uma criança com o perfil compatível ao indicado por você. O histórico de vida da criança é apresentado ao adotante; se houver interesse, ambos são apresentados. A criança também será entrevistada após o encontro e dirá se quer ou não continuar com o processo. Durante esse estágio de convivência monitorado pela Justiça e pela equipe técnica, é permitido visitar o abrigo onde ela mora; dar pequenos passeios para que vocês se aproximem e se conheçam melhor. Esqueça a ideia de visitar um abrigo e escolher a partir daquelas crianças o seu filho. Essa prática já não é mais utilizada para evitar que as crianças se sintam como objetos em exposição, sem contar que a maioria delas não está disponível para adoção.

9) CONHECER O FUTURO FILHO - Se o relacionamento correr bem, a criança é liberada e o pretendente ajuizará a ação de adoção. Ao entrar com o processo, o pretendente receberá a guarda provisória, que terá validade até a conclusão do processo. Nesse momento, a criança passa a morar com a família. A equipe técnica continua fazendo visitas periódicas e apresentará uma avaliação conclusiva.

10) UMA NOVA FAMÍLIA! - O juiz profere a sentença de adoção e determina a lavratura do novo registro de nascimento, já com o sobrenome da nova família. Existe a possibilidade também de trocar o primeiro nome da criança. Nesse momento, a criança passa a ter todos os direitos de um filho biológico.

Para saber mais sobre o Cadastro Nacional de Adoção, consulte o Guia do Usuário:

<http://www.cnj.jus.br/cnanovo/publico/ManualCNA.pdf>

BUSCA ATIVA

“

**Nosso triozinho
chegou através da
Busca Ativa.**

”



FAMÍLIA PARA QUEM PRECISA

A ideia central da Busca Ativa é conseguir famílias para crianças, em vez de crianças para os pais. Desta maneira é possível efetivar as adoções necessárias, em geral, de crianças mais velhas, com deficiência, doenças crônicas ou grupos de irmãos - as crianças reais que aguardam por uma família em abrigos - em lugar de esperar por anos que uma criança idealizada seja incluída no cadastro.

Por meio de parcerias com as Varas de Infância, algumas Organizações Não Governamentais (ONGs) e órgãos como o Ministério Público têm coordenado buscas entre pessoas habilitadas para adoção para encontrar pais para aquelas crianças que não possuem pretendentes disponíveis no Cadastro Nacional de Adoção (CNA), coordenado pela Corregedoria do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Os pretendentes à adoção geralmente frequentam reuniões de apoio e se comunicam com frequência em grupos de WhatsApp, o que facilita a busca.

COMO FUNCIONA A BUSCA ATIVA?

O Cadastro Nacional de Adoção deve ser alimentado com os perfis das crianças já aptas para adoção, ou seja, crianças já destituídas do poder familiar, e das pessoas que estão habilitadas a adotar.

Assim, crianças e adolescentes que não tenham ainda sido destituídos não constarão do CNA como aptas à adoção. Muitos juízes entendem que não deve ser concretizada a destituição do poder familiar de crianças e adolescentes sem que existam pretendentes a sua adoção. Por este entendimento, estas crianças e adolescentes não chegam a constar do CNA, já que as destituições só são movidas ou finalizadas após encontrarem-se adotantes para eles.

É comum que os habilitandos (aqueles em processo judicial de habilitação para poderem adotar uma criança ou adolescente) indiquem perfis bem restritos, muito próximos de “menina, branca, saudável, até 1 ano, sem irmãos”.

Com o passar do tempo e o amadurecimento do desejo de adotar, este perfil vai sendo alterado dentro da mente e corações dos habilitandos. No entanto, a grande maioria não providencia junto as suas varas de habilitação a alteração correspondente do seu perfil.

Assim, no CNA segue constando um perfil que não é mais aquele realmente almejado pelos futuros adotantes. Sem saber da alteração desse perfil, as varas não localizam adotantes para crianças que caberiam naqueles perfis, de fato já modificados.

O terceiro ponto importante para compreensão do que seria a busca ativa está na necessidade de auxílio da sociedade como um todo para dar efetividade à garantia constitucional ao direito de toda criança e adolescente viver em família.

A Busca Ativa se presta única e exclusivamente a auxiliar na busca por adotantes prévia e regularmente habilitados para crianças e adolescentes denominados “de difícil colocação”. São eles grupos de irmãos que não devam ser separados, crianças acima de 5 anos, com deficiência e/ou doenças crônicas: as adoções necessárias.

Diante desses três elementos, a Busca Ativa é o auxílio legítimo constitucionalmente autorizado prestado pela sociedade civil ao Estado na busca e localização de habilitados à adoção para crianças e adolescentes fora do perfil mais pretendido.

A busca ativa é realizada sempre por voluntariado não remunerado. A atividade jamais implica qualquer tipo de retribuição ou contrapartida pelo auxílio prestado pela sociedade civil aos órgãos públicos competentes incumbidos da efetivação do direito dos adotados à convivência familiar e comunitária.

É importante enfatizar que cobrar, solicitar ou mesmo aceitar vantagem de qualquer natureza em retribuição pela Busca Ativa não só deturpa esta prática como pode constituir prática de crime de tráfico de pessoas.

Assim, os grupos de apoio à adoção são ótimos auxiliares dos poderes públicos na Busca Ativa, já que são eles, em regra, os únicos que têm contato direto com os habilitandos e habilitados e conhecem as alterações de perfis não comunicadas às comarcas de habilitação.

Cientes desta realidade, as equipes técnicas das varas da infância e juventude buscam, cada vez mais, auxílio dos grupos de apoio à adoção sérios e em que confiam para ajudar na localização de adotantes para as crianças de difícil colocação, por vezes ainda não destituídas ou em processo de destituição do poder familiar.

Neste processo, a equipe técnica entra em contato com os grupos de apoio, que repassam os dados dos habilitados que demonstrem interesse e maturidade para uma adoção necessária.

Os integrantes de grupos de apoio à adoção não devem participar, sob qualquer argumento ou justificativa, dos trâmites legais que viabilizem ou não a futura guarda e adoção. Sua participação deve se restringir ao cruzamento dos dados dos habilitados de que tenha conhecimento com o perfil da criança para a qual a equipe técnica tenha solicitado indicação e, localizados os pretendentes, repasse dos dados à comarca.

Os grupos, a partir deste ponto, devem limitar sua atuação ao apoio psicológico e jurídico dos habilitados indicados.

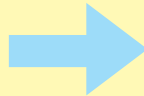
Esta é a verdadeira, ética, legal e constitucionalmente autorizada Busca Ativa. Tudo o mais pode se configurar em crime contra a criança e adolescente, punível pelo Estado com privação da liberdade e multa.

Rosana Ribeiro da Silva

BUSCA ATIVA

PAIS PARA CRIANÇAS
SEM PRETENDENTES

**Para destituição parental,
deve haver pretendente**



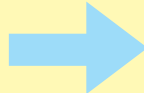
**Adotandos fora do
Cadastro Nacional
de Adoção**

**Habilitado com perfil
restrito**



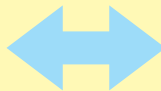
**Adotandos de difícil
colocação**

**Varas da Infância e
Juventude**



**Grupos de Apoio à
Adoção**

**Pareamento
Adotante/
Adotando**



**Serviço voluntário
não remunerado**

LEGISLAÇÃO

ADOÇÃO

Toda a legislação relativa à adoção que estava no Código Civil, agora faz parte do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA

Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990:

www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Filhos com deficiência ou doenças crônicas, em geral requerem um tempo maior de dedicação dos pais. Em alguns casos, também precisam fazer tratamentos longos e dispendiosos.

Pessoas que nascem com qualquer tipo de deficiência têm direitos garantidos pela legislação brasileira. Acima de tudo, têm o direito de serem como são, nem mais nem menos que ninguém, e de conviver com todas as pessoas, na família, na escola, no trabalho e na sociedade de modo geral, em igualdade de oportunidade com as demais pessoas. A creche ou a escola, por exemplo, não podem se negar a receber o seu filho.

Se tiver qualquer dúvida sobre aspectos legais, consulte os Conselhos municipais, estaduais ou nacional de Direitos das Pessoas com Deficiência, associações e o Ministério Público, que é o órgão jurídico que zela pelos direitos das pessoas com deficiência. Não fique em dúvida. Conheça os direitos que assistem a você e a seu filho e os faça valer de verdade. Não deixe de ler a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que tem efeito de norma constitucional no Brasil e a Lei Brasileira de Inclusão.

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Lei Nº 6949/2009):

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm

Lei Brasileira de Inclusão (Lei Nº 13.146/ 2015): http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm



INFORMAÇÕES

INFORMAÇÕES ÚTEIS

Aqui você encontra indicações de publicações, vídeos, sites e blogs. Você vai se surpreender com a quantidade e a qualidade de materiais disponíveis. Use estas dicas como trampolim e mergulhe na Internet, sem medo de ser feliz!

Os links abaixo foram testados e estavam ativos em 2018.

GRUPOS DE APOIO À ADOÇÃO

ANGAAD - Associação Nacional de Grupos de Apoio à Adoção

<http://www.angaad.org.br/>

Aconchego - Grupo de Apoio à Convivência Familiar e Comunitária

www.aconchegodf.org.br

ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO:

SBP - Sociedade Brasileira de Psicologia

<http://www.sbponline.org.br/>

Sociedade Brasileira de Psicanálise (em vários estados)

DEFICIÊNCIAS

DEFICIÊNCIA VISUAL

ONCB - Organização Nacional de Cegos do Brasil

<http://www.oncb.org.br/>

Instituto Benjamin Constant

<http://www.ibr.gov.br/>

Fundação Dorina Nowill

www.fundacaodorina.org.br

Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência Visual

<http://laramara.org.br/>

SURDO-CEGUEIRA

www.ahimsa.org.br

DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Feneis - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos <http://feneis.org.br/sobre/>

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

<http://www.ines.gov.br/index.php>

DEFICIÊNCIA FÍSICA

PARALISIA CEREBRAL

AACD - <https://aacd.org.br/>

DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

Associação Educacional para Múltipla Deficiência

www.ahimsa.org.br

SÍNDROME DO VÍRUS ZIKA/MICROCEFALIA

Movimento Zika

www.movimentozika.org.br

Abraço a Microcefalia

<http://abracoamicrocefalia.com.br/>

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

APAE - SP

<http://www.apaesp.org.br/>

SÍNDROME DE DOWN

Movimento Down

www.movimentodown.org.br

DEFICIÊNCIA PSICOSSOCIAL

UNIFESP

<http://www.falandosobreesquizofrenia.com.br/tag/proesq/>

ESTORIAS DIFERENTES

<http://www.estoriasdiferentes.com.br/>

Abraça - Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas com Autismo

<http://abraca.autismobrasil.org/>

ABRA -

Associação Brasileira de Autismo

<http://www.autismo.org.br/>

Lagarta Vira Pupa

<http://lagartavirapupa.com.br/>

DOENÇAS RARAS

AFAG - Associação dos Familiares, Amigos e Portadores de Doenças Graves

<https://www.afagbrasil.org.br/>

DOENÇAS CRÔNICAS

CÂNCER

AACC - Associação de Apoio à criança com Câncer

<http://www.aacc.org.br/>

ABRAAC - Associação Brasileira de Ajuda à Criança com Câncer <http://www.associacaodocancerinfantil.org/>

ABRACCIA - Associação Brasileira de Combate ao Câncer Infantil e Adulto

<http://www.abraccia.org.br/>

Curumin - Associação de Combate ao Câncer Infantil

<http://curumimcancerinfantil.org.br/novo/>

GRAAC - Combatendo e Vencendo o Câncer Infantil

<https://graacc.org.br>

HIV

ANIMA

<http://www.anima.org.br/>

Sociedade Viva Cazuza

<http://vivacazuza.org.br/inicio>

DIABETES

Associação de Diabetes Infantil

<http://www.diabetes.med.br/adi-associacao-de-diabetes-infantil/>

Sociedade Brasileira de Diabetes

<http://www.diabetes.org.br/publico/>

ASMA

ABRA - Associação Brasileira de Asmáticos

<http://www.abrasaopaulo.org/>

ALERGIA

ASBAI - Associação Brasileira de Alergia e Imunologia

<http://www.asbai.org.br/secao.asp?s=81&id=310>

DOENÇA CELÍACA

FENACELBRA - Federação Nacional das Associações de Celíacos do Brasil

<http://www.fenacelbra.com.br/fenacelbra/>

DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

ABDA - Associação Brasileira do Déficit de Atenção

<http://tdah.org.br/>

DISLEXIA

ABD - Associação Brasileira de Dislexia

<http://www.dislexia.org.br/>



MAIS INFORMAÇÕES? DÚVIDAS? COMENTÁRIOS?

MAIS/Movimentodown -
contato@movimentodown.org.br
Angaad - angaad@angaad.org.br

FONTES

Três Vivas para o Bebê - Movimento Down

Três Vivas para o Bebê - Movimento Zika

Conselho Nacional de Justiça

Saber Sistêmico

Aconchego

Realização:



Apoio:



**Material distribuído gratuitamente.
Proibida qualquer forma de comercialização.**



“Esta Obra é licenciada com uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.”